

FUNDADO POR ÉDSON RÉGIS
EM 27 DE MARÇO DE 1949

Correio das Artes

Junho 2018 – ANO LXIX Nº 4



***O que nos ensina
a mitologia grega***



NA PARAÍBA, O ESTUDO TE LEVA MAIS LONGE.



O programa Gira Mundo modalidade estudante, visa proporcionar aos alunos matriculados na segunda série do ensino médio; no sentido de oportunizar o desenvolvimento linguístico e a interação com novas culturas e métodos de ensino, que, ao regressarem, tornar-se-ão multiplicadores do Programa Gira Mundo em suas regiões e desenvolver ações voltadas ao aprimoramento da educação no estado da Paraíba. Busca-se com o referido projeto, motivar os alunos e professores da rede pública estadual de educação na busca de melhor formação e desempenho na escola.

Os destinos do Gira-mundo



2016

50 estudantes - Canadá
3 professores - Canadá
20 professores - Finlândia

2017

50 estudantes - Canadá
25 estudantes - Espanha
25 estudantes - Portugal
55 Professores - Finlândia

Próximo destino:

100 estudantes - Canadá
50 estudantes - Espanha
25 estudantes - Portugal
25 estudantes - Argentina
80 professores - Finlândia
20 professores - Israel



A UNIÃO
Educação. A Unir e a Unir.

125
Anos

Milton

Há – e não são poucos – quem se refira à mitologia grega usando tempos verbais do pretérito. Ou seja, o mito estaria condicionado a uma ação do passado. O mito foi... O mito era... E, por esse caminho, muitos seguiram, acreditando que o mito, por ser arcaico, não teria valor algum no conturbado mundo atual.

O que a mitologia grega tem de belo, sábio e perene? Fizemos essa pergunta – como um mote que se lança, em desafio, aos poetas repentistas de viola – ao professor Milton Marques Junior, titular da Universidade Federal da Paraíba, considerado uma das maiores autoridades brasileiras na área dos estudos clássicos.

Milton, como é do seu feitio, não fugiu ao repto. Sua resposta, em forma de artigo, por ter ido além, muito além do esperado, embora não esperássemos pouco, foi elevada à categoria de matéria de capa deste suplemento,

Milton desvela o mito a partir dos vários significados que a palavra suscita, cada um entendido, segundo ele, “de acordo com a época, a circunstância e a conveniência”.

to, pela argumentação sólida, ilustrada com requinte até nos menores detalhes.

O artigo de Milton é, na verdade, uma grande “aula” de mitologia greco-romana que o autor, gentilmente, dá ao leitor deste suplemento. Aliás, Milton sempre dignificou a

profissão que abraçou, entre outras atitudes louváveis, pela maneira séria e generosa com que trata o conhecimento, acima de tudo, a literatura.

Milton desvela o mito a partir dos vários significados que a palavra suscita, cada um entendido, segundo ele, “de acordo com a época, a circunstância e a conveniência”. Analisa minuciosamente a arquitetura do mito, concluindo com uma profunda dissertação sobre a relação entre conhecimento e justiça.

Não poderíamos encerrar sem ressaltarmos outra qualidade de Milton, a nosso ver, que é a de colocar o conhecimento a serviço da sabedoria. Por isso, tem um sabor especial o saber transmitido, de forma singular, por esse professor plural, tanto na sala de aula como nas páginas de livros, revistas e jornais.

O Editor

♦ índice



MITOLOGIA

O professor Milton Marques Junior, da UFPB, responde à pergunta: “O que há de belo, sábio e perene na mitologia grega?”.



ENSAIO

O professor José Edilson de Amorim comenta o livro *Signo e imagem em Castro Pinto*, de João Batista de Brito, cuja 2ª edição, revista, acaba de ser lançada.



CONTO

A professora Aglaé Fernandes resenha o livro de contos *Feitiço da palavra*, da escritora Mercedes “Pepita” Cavalcanti.



POESIA

Regina Celi abre a seção de Poesia, junto com Carlos França, Jamesson Buarque, Matheus Guménin Barreto, Emanuel Medeiros Vieira e Júnior Damasceno.



O *Correio das Artes* é um suplemento mensal do jornal **A UNIÃO** e não pode ser vendido separadamente.

A União Superintendência de Imprensa e Editora
BR-101 - Km 3 - CEP 58.082-010 - Distrito Industrial - João Pessoa - PB
PABX: (083) 3218-6500 - FAX: 3218-6510
Redação: 3218-6509/9903-8071
ISSN 1984-7335
editor.correiodasartes@gmail.com
<http://www.auniao.pb.gov.br>

Secretário Est. de Comunicação Institucional
Luís Tóres
Superintendente
Albige Fernandes
Diretor Administrativo
Murillo Padilha
Câmara Neto

Diretor de Operações
Gilson Renato
Editor Geral
Jorge Rezende
Editora Adjunta
Renata Ferreira
Phelipe Caldas (interino)

Editor do Correio das Artes
William Costa
Supervisor Gráfico
Paulo Sérgio de Azevedo
Editoração
Paulo Sérgio de Azevedo

Arte de capa
Faetonte, de Tônio
Ilustrações e artes
Domingos Sávio, Tônio,
Manuel Dantas Suassuna
 GOVERNO DA PARAÍBA

Mito: belo, SÁBIO E PERENÉ

Milton Marques Junior

Especial para o *Correio das Artes*

A William Costa, cultor do que é belo, sábio e perene

A palavra *mito* é daquelas que suscitam vários significados, cada um entendido de acordo com a época, a circunstância e a conveniência. São tantas as compreensões que a palavra já assumiu o significado de narrativa, fábula, trama, lenda, ficção, mentira... De sua origem, com o sentido de narrar ou explicar um fato, condição mais do que humana, o termo chega, por caminhos claramente labirínticos – perdoem-me o oxímoro –, ao paroxismo de ser um dos elementos de composição para designar uma patologia, a *mitomania*, que caracteriza o mentiroso compulsivo. Não podemos esquecer, ainda, os ídolos – do esporte, da música, da política – que os fãs, na sua desrazão, chamam de mito... Instigado por William Costa, vou tentar responder ao seu repto, em forma de mote – “o que há de belo, sábio e perene na mitologia grega”.

Há duas características que podem definir o mito na sua origem: 1) o mito não é mentira; 2) o mito não é aleatório. A partir daí, podemos dar início a uma discussão sobre o termo, não tanto de modo teórico, mas de um modo mais prático, em que se possa perceber a sua utilização nos tempos imemoriais, que chamamos arcaicos.

Com relação à afirmação de que o mito não é mentira, podemos dizer que a palavra, na sua origem – *mu=coj* –, designa uma narrativa, algo que se conta e que procura explicar uma verdade possível naquele momento. O mito tanto se abre para uma possibilidade de uma verdade que se conta em uma narrativa habilmente construída, quanto esta narrativa pode ganhar, posteriormente, o status de verdade, como é o caso de um dos maiores heróis míticos, Teseu. Este herói não só chega a ser rei de Atenas, como é divinizado após a morte, por ter sido um excelente rei e o estabelecedor das bases da democracia, após ter passado

pela experiência da tirania imposta por Minos aos atenienses e seus aliados, submetendo-os à sua força e à devoração de jovens pelo Minotauro. Assim, nos conta Plutarco no perfil comparativo entre Teseu e Rômulo.

Rômulo, por sua vez, nos dá outro exemplo do mito que se faz verdade pela tradição. Tido e havido como o primeiro rei de Roma, Rômulo funda Roma, sobre o Palatino, no século VIII a. C. Por muito tempo, a fundação de Roma por Rômulo não passou de mito, mas as escavações arqueológicas naquela colina acabaram por confirmar a existência das cabanas, ditas “romulanas”, datadas daquela

Teseu e o Minotauro, de Étienne-Jules Ramey (1796-1852). Mármore, 1826. Jardins des Tulherias (Paris, França)



época. Não há qualquer necessidade de que tenha existido um rei Rômulo, mas a existência de cabanas de pastores, dando início à maior cidade que o mundo conheceu, faz um casamento perfeito entre tradição mítica e história. Como se isto não bastasse, credita-se a Rômulo a criação do primeiro calendário do mundo ocidental. Um calendário lunar, de dez meses, base para o mesmo calendário que o mundo inteiro hoje utiliza, mesmo aquelas civilizações mais antigas, detentoras de calendários particulares, usados apenas internamente. Eis uma das provas da perenidade do mito.

As modificações por que passou o calendário foram muitas, mas ele manteve a sua base, sobretudo no que diz respeito ao nome dos meses. Os meses de março, abril, maio, junho, setembro, outubro, novembro, dezembro, continuam com os mesmos nomes. Filho de Marte, Rômulo dedica o primeiro mês do ano do seu calendário, *março*, ao pai. Amamentado por uma loba, animal dedicado àquele deus, Rômulo funda uma Roma nascida sob o signo da guerra, sob a força de um animal que ataca de matilha, nunca sozinho. Numa Pompílio, sucessor de Rômulo adiciona dois meses ao calendário romulano – janeiro e fevereiro –, cujos nomes continuam a ser usados. Por outro lado, nunca é demais lembrar que a palavra *calendário* é proveniente do nome do primeiro dia do mês, as *Kalendae*,



Rômulo e Remo (1615-16), de Peter Paul Rubens (1577-1640). Pinacoteca Capitolina, Roma, Itália

lendae, dia em que o sumo sacerdote convocava (verbo *calo*, *calare*, convocar, chamar) o povo à praça, de modo a estabelecer em que dia cairiam as *Nonae*, a segunda parte do mês (sempre nove dias antes dos *Idus*), para que assim todos soubessem em que dia cairiam os *Idus*, dia que marcava, a um só tempo, o período da lua cheia e o meio do mês. Se as *Nonae* caíssem no dia 5, os *Idus* seriam no dia 13; se as *Nonae* caíssem no dia 7, os *Idus* seriam no dia 15 (contavam-se para os cálculos, o dia da partida e o dia da chegada). Deste modo, passa à história ocidental o famoso *Idos de março*, com uma característica funesta, tendo em vista que Júlio César foi assassinado no dia 15 de março, mês em que as *Nonae* caíam no dia 7.

A segunda discussão que se abre é com relação ao fato de que o mito não é aleatório. Há uma lógica estruturada por trás do que se conta ou do que se tenta explicar, tendo como base apenas a observação. As páginas de Homero estão recheadas do epíteto para designar a Aurora – *A bela Aurora dos dedos róseos*. Não se trata apenas de uma fórmula do poema épico ou de uma parte substancial do hexâmetro, metro que enforma a épica, constituin-

do um hemistíquio, a metade do verso. Trata-se de uma belíssima metáfora, construída pela observação e pelo olhar do poeta. Sabe-se que a Aurora é uma das mais belas deusas do Olimpo, sendo ela responsável pela abertura das portas do céu para o que o carro do Sol, guiado por Apolo, possa sair e, com seu raio, iluminar a humana gente, como diz Camões. Aurora faz isto com a ponta dos dedos. O poeta tem a visão do tom róseo entre o final da noite e o começo da manhã, aquele momento em que já não é mais escuridão, nem ainda é a claridade do dia, e imagina a Aurora com seus dedos róseos abrindo as portas do céu para a passagem do carro do Sol.

Já que falamos do carro do Sol, vamos dar um exemplo mais consistente de que o mito não é aleatório e de sua perenidade, abordando o mito de Faetonte e as suas consequências.

O mito de Faetonte se espalha por dois dos XV Livros das *Metamorfoses* de Ovídio. Já sabemos que esta *opus magnum* do poeta latino tem o mérito, entre outros, de ter-nos legado um grande número de mitos gregos, os quais, sem o concurso do autor da *Arte de amar*, seriam desconhecidos ou estariam dispersos em obras me-



nores. O mito em questão vai do Livro I (versos 747-779) ao Livro II (versos 1-339). Épafo, filho de Júpiter, insulta Faetonte, pondo em dúvida que seu pai seja Febo, o Sol. Faetonte, aborrecido vai à mãe, Clímene, pedir uma prova, para, assim, calar a boca de Épafo. Clímene faz um juramento que não deixa qualquer dúvida, quanto à paternidade, alegrando Faetonte, que se dirige até o palácio do pai erigido por Vulcano, o deus *fáber*. O palácio é ricamente trabalhado, vendo-se, acima de todos os ornamentos, a figuração de um céu fulgente e os seus doze signos, sendo seis nos batentes direitos e seis nos batentes esquerdos (*haec super imposita est caeli fulgentis imago/signaque sex foribus dextris totidemque sinistris*, Livro II, versos 17-18). Guardemos esta imagem. Febo interpela o filho sobre a sua vinda e confirma ser seu pai, dando-lhe o privilégio de pedir um presente qualquer que seja, para que ele não mais duvide de sua paternidade, jurando concedê-lo pelo Estiges – o lago incógnito a seus olhos –, pelo qual os deuses hão de jurar (*quoque minus dubites, quoduis pete munus, ut illud/me tribuente feras. Promissi testis adesto/dís iuranda palus, oculis incognita nostris*, versos 44-46).

Faetonte pede para guiar por um dia o carro do pai, o carro alado que conduz o Sol. O que um deus jura conceder, jurando, sobretudo, pela água do Estiges, está concedido, não há como recuar. Febo tenta dissuadi-lo, di-

zendo da dificuldade de guiar um carro que nem mesmo o próprio Júpiter poderia. Na tentativa de dissuasão, Febo demonstra a dificuldade que é guiar os fogosos cavalos, estabelecendo os limites por onde o carro passa: pelos cornos de Touro (*per cornua Tauri*, verso 79), pelo Arco Hemônio (*Hemoniosque arcus*, entenda-se: Sagitário, verso 80), pela boca do violento Leão (*uiolentique ora Leonis*, verso 81), por Escorpião, que curva suas pinças cruéis num longo circuito (*saeuaque circuitu curuantem brachia longo/Scorpion*, versos 82-83), e ainda por Câncer, que curva as suas de outro modo (*atque aliter curuantem brachia Cancrum*, verso 83). É inútil. Nada consegue demover o jovem Faetonte de sua decisão. Faetonte não se dá conta de que pede um castigo, em lugar de um presente (*poenam, Phaethon, pro munere poscis*, verso 99). O pai resolve dar o que o filho pede, por ter jurado pelas águas do Estiges (*Stygias iurauimus undas*, verso 101).

Diante da determinação do filho, Febo lhe dá, então, os últimos conselhos: ele não deve se agradar de ir direto pelo caminho entre os cinco arcos, mas seguir o caminho traçado obliquamente, em ampla curvatura, contido no limite de três das zonas, e fugir do Polo Austral e da Ursa, vizinha dos Aquilões. Se Faetonte seguir por aí, verá claramente os trilhos das rodas do carro (*nec tibi directos placeat uia quinque per arcus./sectus in obliquum est lato*

curuamine limes/zonarum trium contentus fine polumque/effugita australem iunctamque aquilonibus Arcton./haec sic iter (manifesta rotae uestigia cernes, versos 129-133). O resultado já sabemos: Faetonte, não consegue conter o carro do Sol e abraça tudo por onde passa. É preciso a intervenção de Júpiter, fulminando-o, para que as coisas voltem à normalidade, ou o universo seria calcinado e se retornaria ao Caos antigo (*si freta, si terrae pereunt, si regia caeli,/in Chaos antiquum confundimur*, versos 298-299).

Em que consiste este mito? Vamos recuperar a imagem que eu disse para guardar e que se encontra mais acima, de modo a podermos demonstrar a beleza e a perenidade do mito. Lembremos que Faetonte vai visitar o pai e o encontra no seu palácio ricamente trabalhado por Hefestos. Acima de todos os trabalhos, distingue-se a figuração de um céu fulgente e os seus doze signos, sendo seis nos batentes direitos e seis nos batentes esquerdos. Vemos aí a configuração do Zodíaco. Expliquemos inicialmente que, à época de Ovídio, o Zodíaco astronômico se confundia, em número de constelações, com o Zodíaco astrológico. Ambos eram representados com 12 constelações: Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Libra, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário, Peixes. Na atualidade, o Zodíaco astronômico ganhou mais uma constelação, a décima terceira, a constelação de Ofiúcos ou Serpentário, que fica entre Escorpião e Sagitário. O trajeto que o Sol faz durante um ano, percorrendo as constelações, chama-se *eclíptica zodiacal* ou *eclíptica solar*. Isto está devidamente dito por Ovídio, quando Febo aconselha o filho a seguir pelo caminho traçado obliquamente, em ampla curvatura, contido no limite de três das zonas, vez que a eclíptica tem uma órbita oblíqua, em relação ao Equador celeste. A circunscrição às três zonas tem o sentido de evitar que o carro se aproxime das regiões polares, a austral, ao sul, e a boreal ou região da Ursa, ao norte.

Em primeiro lugar, vemos ▶

› como Ovídio, ao nos mostrar os signos do Zodíaco, seis de cada lado dos batentes do palácio do

Sol, ele nos induz a pensar na eclíptica zodiacal, conforme nos mostra a imagem abaixo:



Nos “batentes direitos” ficariam, portanto, Peixes, Áries, Touro, Gêmeos, Câncer e Leão; nos “batentes esquerdos”, Virgem, Libra, Escorpião, Sagitário, Capricórnio e Aquário. A imagem criada por Ovídio das constelações nos batentes forma o percurso do Sol ou sua eclíptica, com um movimento de ascensão e descensão. Peixes e Virgem são os pontos iniciais desses “batentes”, tendo em vista que eles marcam os equinócios ou pontos mais próximos da zona do Equador (os equinócios se dão em 20 de março e 20 de setembro). O Sol se encontra na constelação de Peixes entre os dias 13 de março e 18 de abril, marcando o equinício da primavera no hemisfério norte e o equinício de outono no hemisfério sul. Quando o Sol se encontra na constelação de Virgem, o que ocorre entre os dias 16 de setembro e 30 de outubro, marca-se o equinício de outono no hemisfério norte e o equinício de primavera no hemisfério sul.

Gêmeos e Sagitário, dois outros pontos dos “batentes”, marcam os solstícios. Quando o Sol se encontra na constelação de Gêmeos, entre os dias 20 de junho e 20 de setembro predomina o verão no hemisfério norte e o inverno no hemisfério sul – o solstício se dá no dia 21 de junho. Já quando o Sol está em Sagitário, entre os dias 18 de dezembro e 18 de janeiro, predomina o inverno no hemisfério norte e o verão no hemisfério sul – neste caso, o solstício acontece no dia 21 de

dezembro. Os pontos máximos dos “batentes”, ou seja, os pontos que o Sol não ultrapassa, seja ao norte, seja ao sul, são as constelações de Câncer e de Capricórnio, pontos conhecidos como Trópico de Câncer e Trópico de Capricórnio. O Sol se encontra em Câncer entre 21 de julho e 09 de setembro, auge do verão entre julho e agosto, começando a amainar, no hemisfério norte, a partir de

setembro, prenúncio do equinício de outono, invertendo-se as estações no hemisfério sul. O Sol se encontra em Capricórnio, entre 19 de janeiro e 15 de fevereiro, com o auge do inverno, no hemisfério norte, e já prenunciando, pela proximidade de março, o equinício da primavera, invertendo-se as estações no hemisfério sul. Para uma melhor visualização, veja-se o quadro abaixo:

Posição do Sol no Zodíaco				
Constelação	Solstício	Equinócio	Data	Eclíptica
Câncer			21/07 a 09/08	
Capricórnio			19/01 a 15/02	Início em 19/01
Peixes		Outono/Primavera	12/3 a 18/04	
Virgem		Primavera/Outono	16/09 a 30/10	
Gêmeos	Inverno/Verão		20/06 a 20/07	
Sagitário	Verão/Inverno		18/12 a 18/01	Final em 18/01
Ofiúcos			30/11 a 17/12	

Quando Febo aconselha Faetonte sobre o percurso que o carro do Sol deverá fazer – passar pelos cornos de Touro, pelo Arco Hemônio, ou seja, Sagitário, pela boca do violento Leão, por Escorpião, que curva suas pinças cruéis num longo circuito, e ainda por Câncer, que curva as suas de outro modo –, Febo está se referindo ao equilíbrio do percurso do carro, para não queimar a terra, o céu ou os polos, mantendo-se dentro de

três das cinco zonas da terra. Já ao tempo de Ovídio, a esfera terrestre era dividida em cinco zonas, duas zonas extremas, que são os polos; a zona média, do Equador, cujos limites são os trópicos já mencionados; e as duas zonas temperadas, acima e abaixo dos trópicos, respectivamente, no hemisfério norte e hemisfério sul. O caminho que o Sol faz entre a zona equinocial no hemisfério norte ou no hemisfério sul é chamado por

► Ovídio de longa e oblíqua curvatura, o que corresponde à eclíptica. O Sol nunca vai além da constelação de Câncer, no hemisfério norte, chamada *zona estival*, nem vai além da constelação de Capricórnio no hemisfério sul, chamada *zona hiberna*. Além destes pontos acima ou abaixo da zona equinocial, estão as zonas temperadas, por causa dos solstícios, e além delas os polos, sempre gelados.

O longo circuito de Escorpião, referido por Febo, se explica pelo fato de que, quando Ofiúcos ou o Serpentário não fazia parte da eclíptica zodiacal, o ciclo do Sol em Escorpião era de 29 dias, do dia 24 de outubro a 22 de novembro. Com a entrada de Ofiúcos, Escorpião ficou reduzido a um ciclo de 7 dias, de 23 a 29 de novembro.

Se Faetonte quer guiar o carro do Sol com equilíbrio, é preciso manter o seu curso entre a zona equinocial, se estendendo aos Trópicos de Câncer e de Capricórnio, indo até os pontos altos dos solstícios. Ir além disso com o carro do Sol, é arriscar a queimar os polos, queimar, sobretudo, a Ursa, que se encontra no polo Ártico, cuja palavra provém de *árctos* (a)/*rk-toj*), em grego, que é urso, ursa. Como as duas Ursas, a Maior e Menor são constelações que sempre apontam para o norte, sobretudo a Menor, que não se vê no hemisfério sul, porque, sendo uma estrela polar, ela gira em torno do ártico, elas orientam os navegantes e viajantes. Aproximar o carro do polo boreal ou setentrional e queimar a Ursa é privar os humanos de uma orientação por estas estrelas, é privar o mundo de uma referência. E é o que quase acontece, com as gélidas Ursas se aquecendo pela primeira vez com os raios do sol e tentando, em vão, se molhar no vedado mar (*Tum primum radiis gelidi caluere Triones/ et uetito frustra temptarunt aequore tingui*, versos 173-174). Mar proibido

por determinação de Hera, que põe Arcturo, o guardião da Ursa, para vigiá-la. Arcturo é a estrela alfa da constelação do Boieiro, próxima, na nossa percepção, da constelação da Ursa Maior ou Seteestrela.

Ovídio conhecia astronomia, poeta que era, mas era amante da astronomia, não astrônomo. Na sua época, o calendário romulano já havia sido reformulado por Sosígenes, o astrônomo grego, a mando de César (46 a. C.), mas o que nos admira é o poeta recorrer ao mito para explicar pela via da poesia o funcionamento dos astros e o percurso do Sol. Como não ver beleza nessa visão de mundo? Como desdenhar do mito, considerando-o ultrapassado, como muitos enfatizados o fazem? Como não perceber que o mito é, antes de tudo, conhecimento? Não é só a maravilha da astronomia que ganha a forma poética do mito, que Ovídio quer nos legar. Seu poema tem uma dose de moral e de ensinamento. Sim, Ovídio forma ao lado do *docere et delectare* de Horácio. A poesia não é só deleite, mas também aprendizagem. O mito ensina. Como toda criança, Faetonte se deixa levar pela vontade, não pela reflexão, com a sua obstinação em guiar o carro do Sol. De nada adiantam os conselhos e advertências do pai. Por não saber escolher mais sabiamente (*sed tu sapientius opta!* Mas tu, escolhe mais sabiamente!, verso 102), Faetonte paga com a vida a sua teimosia. Quantas vezes temos visto isso se repetir? Jovens que sempre parecem saber tudo, sem querer ouvir os conselhos de quem tem a experiência? O modelo grego, nas mãos de Ovídio, se adapta ao mundo romano: sem moderação – o pai lhe diz para seguir o caminho do meio, seguríssimo caminho, pois indo pelo mais alto, ele queimará os palácios celestes; pelo mais baixo, a terra (*altius egressus caelestia tecta cremabis, inferius ter-*

ras; medio tutissimus ibis, versos 136-137) –, as consequências são sempre ruinosas.

Não poderia terminar sem me referir ao mito tomado alegoricamente por Platão, expresso na *República*, através da alegoria do anel de Gíges (Livro III, 359b-360d), a alegoria da caverna (Livro VII, 514a-519e) e a da ressurreição de Er (614a-621d). A justiça se faz com o conhecimento do que é bom e verdadeiro, discernindo o que é mau. Praticamos o mal por ignorância do que é o bem, bem jamais dissociado da verdade. Para adquirir este conhecimento do que é o bem é preciso fazer o longo e penoso percurso de sair da caverna, enfrentar íngreme subida, depois expor-se à luz que, momentaneamente, torna cego quem a confronta. Uma vez acostumado à luz e adquirindo o conhecimento do que é a verdade, deve-se difundi-la com quem continua na escuridão e se obstina a confundir verdade e aparência. O conhecimento nos leva a assumir as responsabilidades de nossos atos, passos necessários para a prática diária da Justiça. Eis a beleza perene do mito, nos permitindo viagens maravilhosas, em busca daquilo que é essencial: o conhecimento difundido para a difusão da Justiça. ❖

Natural de João Pessoa, onde reside, **Milton Marques Junior** é professor Titular da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com experiência na área de Letras, em Literatura Brasileira, Portuguesa e Comparada. Atualmente, coordena o Grupo de Estudos Clássicos e Literários (GREC), com produção na área das Literaturas Grega e Latina, e Literatura Comparada. É autor, entre outros livros, de *Estudos de literatura brasileira: a literatura no século XIX, Introdução aos Estudos Clássicos e Dicionário da Eneida*.

Entre a significância e a imaginação

José Edilson de Amorim
Especial para o *Correio das Artes*

1. OS AUTORES

Começo pelos *autores*: conheci João Batista de Brito, na década de 1970, nos corredores do CCHLA (Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, campus de João Pessoa) e em eventos acadêmicos da universidade; ele em sua terceira graduação (em língua inglesa). No fim dessa década, fui chamado a dar aulas no Colégio Estadual de Santa Rita; aí, soube que iria substituir o professor João Batista na disciplina de Língua Portuguesa em turmas do Segundo Grau à época. Senti o peso da responsabilidade, mas não senti de uma só vez. De cara, era difícil substituir, em competência, um professor que, atento ao seu mundo e à sua disciplina, há pouco analisara em classe um poema de Manuel Bandeira – “Momento num café” –, oferecendo aos seus alunos a oportunidade de tirar de letra a prova do vestibular tão concorrido quanto temido por eles. A fama de João era enorme! No mesmo grau de dificuldade, jamais consegui um lugar tão largo quanto o seu no afeto dos alunos e das alunas com quem passei a me comunicar com mais assiduidade. Vejam que João não foi um signo fácil para mim. Mas descobri logo que tinha um mestre a seguir. Comecei a acompanhá-lo a partir do *Correio das Artes* e de outras publicações.

Em fins da década de 1980, João Batista publica um livro de leitura de poesia – *Poesia e leitura: os percursos do gozo* (1989); um livro que, por pura inveja juvenil (descabida para minha idade), cheguei a comentar que seria um livro para poucos leitores. Terrível engano o meu. Ainda hoje, tendo voltado à sala de aula depois de mais de uma década na administração universitária, o livro de João comparece em uma disciplina de Crítica Literária que ministro neste momento; e é jus-



FOTO: EDSON MATOS

João Batista de Brito, autor de Signo e imagem em Castro Pinto

Vejam que João não foi um signo fácil para mim. Mas descobri logo que tinha um mestre a seguir. Comecei a acompanhá-lo a partir do *Correio das Artes* e de outras publicações. >

▶ tamente sua leitura de “Geração 60”, de Sérgio de Castro Pinto, que estudo como um exercício feliz de leitura semiótica (retrato-me, agora, daquele julgamento desastrado ao lembrar a necessidade de uma segunda edição deste livro). Temos, neste livro, um leitor competente, exigente, teoricamente preparado; temos, neste livro, uma lição para aprender: a leitura competente da poesia, teoricamente armada, não dói, não deixa o poema feio e nem faz mal a ninguém. Os leitores *conteudistas*, como eu, somente têm que reconhecer, humildemente, que, se quiserem, podem aprender muito com as lições de João neste livro.

Em seguida, começando a cursar o doutorado na UFPB, foi extasiado que acompanhei a defesa da tese de doutorado de João Batista, sobre a poesia de Sérgio de Castro Pinto, que resultou no livro *Signo e imagem em Castro Pinto*, publicado em 1995. Sai da defesa com a convicção de que dispunha de rico material para o estudo da poesia. Convicção sempre confirmada a cada leitura do livro cuja segunda edição tenho o prazer de apresentar para as senhoras e os senhores. Fico largamente feliz e grato com o convite de João e de Sérgio, felicidade e gratidão que aumentam quando vejo que a primeira edição foi apresentada pelo professor Neroaldo Pontes de Azevêdo, meu professor de Literatura Brasileira e amigo desde então, depois reitor da UFPB. Estar, de alguma forma, perto de João, de Sérgio e de Neroaldo é um reconhecimento imenso a que tenho o dever de agradecer.

Logo depois, senão no mesmo percurso, avulta, nos jornais da cidade, um leitor percuciente e apaixonado pelo cinema; surge o livro *Imagens amadas*, também em 1995. Aí, não havia mais o que discutir: era a rendição total, não somente ao professor de literatura, mas ao intelectual, ao cinéfilo e ao leitor de cinema que, sofisticado e simples ao mesmo tempo, passava a influir no meu gosto e nas minhas escolhas de cinéfilo



Sérgio de Castro Pinto, autor cuja poesia foi estudada por João Batista de Brito

moderado. De signo difícil no início, talvez em razão da minha incompetência, vejam o quanto João tem sido um signo generoso para mim!

Conheci Sérgio também pelo mesmo período; penso que, da primeira vez que o vi, ele estava sentado em um birô na reitoria da UFPB: três elementos me pareceram notáveis e me ficaram na lembrança – um cigarro pendente da boca; um olho de visada quase lateral e os dedos passeando sobre as teclas de uma máquina de escrever. Lendo a leitura de João Batista sobre a poesia de Sérgio, descubro que, com a sensibilidade empenhada, o poeta fazia movimentos para dentro, inclusive o das mãos ao errar por imagens e lhes dar significações. Movimentos que comporiam uma *poética da interioridade* que está, imageticamente, no título de *A ilha na ostra*, como está, semioticamente, em *Folha corrida*, se aprendi algo com o livro do seu leitor mais dedicado.

Não mais perdi Sérgio de vis-

ta; tendo-o sempre acompanhado no *Correio das Artes*, sendo auxiliado, nesse percurso, principalmente por Hildeberto Barbosa Filho e João Batista de Brito. Descobri, em algum lançamento de livro (não vou muito a lançamentos), com feliz entusiasmo, que Sérgio, com ser poeta, é também um excelente leitor de poesia, leitor no sentido primeiro de pronunciamento expressivo do poema. Descobri, com ele, que a poesia carece de dicção particular: não é de recitação que a poesia precisa no meu entendimento, mas de uma fala que lhe acompanhe o tom e o ritmo que sua estrutura parece reclamar. ▶

- ▶ Uma leitura a meio termo que descarte a fala prosaica e a fala solene e retórica. Dessa leitura, Sérgio guarda os segredos.

Não mais larguei o poeta. Conheci o professor competente e discreto; mas acompanhei, mais de perto, a indisfarçada repercussão de sua poesia entre os poetas paraibanos que conheci e conheço. Não tenho, nem terei nunca, a capacidade para mapear a produção poética do nosso estado; mas peço permissão a Hildeberto Barbosa Filho para a afirmação que segue: penso que, menos neste poeta, de poesia menos concentrada e mais narrativa, com todo o cuidado com essa caracterização, penso que em muitos poetas de nossa geração, ressurte uma contribuição de Sérgio de Castro Pinto. Cito dois poetas como exemplo – Lúcio Lins e Paulo Sérgio. O primeiro, não fosse o avesso silêncio que foi obrigado a cultivar, não reclamaria dessa observação; o segundo, reconhecido que é, creio que não oporia argumento a essa observação. Sérgio, então, é um mestre, um signo plural.

2. O LIVRO

O livro *Signo e imagem em Castro Pinto*, que ora apresentamos em segunda edição, resulta da tese de doutorado do professor João Batista de Brito, defendida em 1995 na UFPB. Foi a primeira tese de doutorado na área de literatura brasileira aqui defendida. Não consta que tenha havido qualquer modificação entre a tese apresentada e o livro ora publicado, o que é um tanto para seu autor quando se sabe, mais das vezes, do caráter excessivamente *teórico* de trabalhos acadêmicos, quase ilegíveis em sua primeira fornada. Não é esse o caso de *Signo e imagem em Castro Pinto* portanto.

Já na “Introdução”, sabemos que João escolhe como corpus de leitura uma obra poética ainda em construção, que não conta com um consenso crítico já estabelecido – um primeiro risco; escolhe, ademais, um modelo de leitura híbrida, que ele chama de acoplamento da leitura se-

miótica, de base linguística, de Riffaterre, e do estudo do imaginário poético de Bachelard – outro risco seu. Sobre a escolha deste modelo teórico de leitura, tenazmente buscado e construído com sucesso, João afirma: “(...) foi a poesia de Castro Pinto, ela mesma, que nos encaminhou a esse acoplamento metodológico (...)”, advertindo de saída: “Para quem não está acostumado a somar oposições, esta pode ser uma atitude perigosa, mas, no nosso caso pelos menos, o perigo é bem menos que a positividade do resultado.” A escolha do corpus mais a busca de um modelo e sua construção revelam a maturidade das opções feitas por João Batista, maturidade alcançada em tempo acumulado de ensino, de pesquisa e de publicação.

Das escolhas certas já definidas na “Introdução”, vamos a “Fortuna e infortúnios: Castro Pinto e a crítica”. O que primeiro me chamou a atenção foi que, das quarenta e nove páginas dedicadas à revisão crítica de textos sobre a obra do poeta estudado, mais de um terço é do próprio João; ademais, seus textos sobre Castro Pinto começaram a ser publicados em 1985, dez anos antes, portanto, da defesa da sua tese, o que indicia à farta uma leitura envelhecida em tempo largo, um tempo igualmente envelhecido em barris jovens, feitos de curiosidade e de indagação acadêmica permanente. Essa prática de leitura, pacientemente exercitada, marca a convicção na escolha do poeta.

Saltamos, então, para o capítulo 2 – “A poética de Castro Pinto: uma primeira aproximação”. Confessadamente, essa parte do livro é “(...) uma primeira aproximação, ainda em tom pessoal, à obra de Castro Pinto”. Apesar do tom pessoal confessado, o leitor João Batista, ele mesmo (ainda não metamorfoseado no leitor acoplado), nos adverte com um rigor analítico programático: “Contudo, o temário é, com certeza, o que

uma poética possui de menos específico. Todo tema é um bem comum, e as poéticas de todos os lugares tendem a se confundir no seu abraço. Bem mais revelador pode ser o centramento no plano da expressão onde os dados contedísticos só se manifestam pelo viés da elaboração formal”. Uma elaboração formal peculiar, daí deduzo, que distingue uma formulação poética particular como a de Castro Pinto por exemplo. Neste segundo capítulo, temos indicações preciosas de leitura de poemas como “macaxeira”, esse tocante vivente municipal; “atos falhos” que irrompem sem ensaio; “no muro de Berlin (da vergonha)”; “movimento de preparação para assistir a um filme de Carlitos”; “avenida dos tabajaras”; “os pobres”; “a bomba”; “cine brasil: matinee das moças”; “noturno leitor”; “diário”; “sedentário”, “o argueiro”; a série de poemas “domiciliares”; “noturnos”; “os abstratos pássaros dos fotografos”; “ode à borracha II”; “papel de jornal”; “antenas de tv”;

Em todas as indicações, um propósito de leitura firmado: as recorrências semióticas de uma poética particular assim caracterizada: “Dentre todos, o procedimento de maior força estruturante parece ser o que aqui denominamos de metafisicismo. Englobando e devorando o restante dos outros procedimentos, em Castro Pinto ele se define por um incessante, tenso e denso investimento de desautomatização da linguagem cujo efeito genérico sobre a leitura é um estranhamento ao mesmo tempo fascinante e perturbador que concede a esta poesia a sua feição mais pessoal”. Penso que das indicações de leitura dessa primeira aproximação, já saímos preparados para as leituras com Riffaterre e, talvez, para as com Bachelard. Isso vale para lembrar o fito quase obsessivo da tese – a construção do leitor acoplado que reúne os dois teóricos aí citados. ▶

► É o que teremos agora no capítulo 3 – “Semiótica e imaginário ou a construção de um leitor”. Por seu título, este capítulo já informa o leitor sobre os domínios de Riffaterre e de Bachelard, assim como o previne do acoplamento que vem a caminho. Antes, porém, avulta o professor João Batista que, pedagógico e generoso, alcança ao leitor, antes da construção do seu leitor, preparando-o para essa construção, uma “Teoria do texto poético no século XX”. Generoso porque aqui está, de forma didaticamente apresentada, um curso inteiro sobre o estudo da poesia, do *Formalismo Russo*, no início do século citado, à *Estilística Estrutural* e à *resonância e repercussão* em Bachelard. Uma expressão diz desse passeio pelas teorias do poético – seu rigor conceitual.

A precisão teórica que esse capítulo alcança atinge seu esmero nos dois subcapítulos seguintes – “Riffaterre e a significação poética” e “Bachelard e o imaginário da poesia”, buscando uma constatação: “Na realidade, o ponto de contato que une essas formulações – o de ser a poesia um fenômeno de linguagem – também une, como veremos, Riffaterre e Bachelard”.

Ao fim do capítulo, teremos o que João anuncia no começo deste: “O novo leitor de poesia, aqui construído como exercício de acoplamento dos dois, seria, supomos nós, o leitor ideal para uma interpretação da poética de Castro Pinto”. É isto que será lido daqui por diante, a construção desse leitor acoplado na prática da análise e da interpretação textuais, no subcapítulo que encerra o capítulo, precisamente chamado – “Signo e imagem”, fazendo, ainda, o confronto entre os dois teóricos num exercício de preparação para o acoplamento definitivo: “De qualquer maneira, para o leitor dos dois autores – Bachelard e Riffaterre – não há dúvidas: o que é excesso em um (a análise em Riffaterre, a imaginação em

Bachelard) é escassez no outro (a imaginação em Riffaterre, a análise em Bachelard)... mas só o confronto detido pode revelar se, como, e até que ponto esse quiasmo teórico se resolve”.

E onde esses teóricos dão-se os braços e passam a caminhar juntos? Justamente a partir de uma compreensão da poesia como uma espécie de *mimese negativa*, definida no livro de João Batista como arreferencialidade do texto poético, como também no conceito de *semiose* de Riffaterre (que João prefere chamar de *estese*) equivalendo ao conceito de *sublimação absoluta* de Bachelard (se não for ousadia demais, gostaria de sugerir a João *estesia* em vez de *estese*).

A partir daqui, de mãos dadas e colaborativamente, os dois teóricos se acoplam no leitor ideal em que João vai se transfigurando: temos em João Batista, então, um Bachelard permeado pela semiótica riffatterreana; um Riffaterre receptivo à imaginação generosa de Bachelard. Um *leitor ideal não mais identificável com seus pares*. Um leitor que se autodefine: “Com a compreensão, a análise, e interpretação que se segue, dessa poesia, tentaremos demonstrar que o signo que habita a linguagem não é um ser diverso da imagem que ele contém, e que a imagem que habita o *continuum* psíquico, não é um ser diferente do signo que, na linguagem, a expressa”.

“Signo e imagem” – que bela leitura do poema “no quadragésimo assalto”, de Sérgio de Castro Pinto, abre essa parte do livro de João Batista! Esse destaque é para dizer o quanto se expressa, o quanto é sobresalente e ostensiva a poesia do poeta paraibano neste livro de João. A teoria se exerce enquanto prática de leitura, sem que, em nenhum momento, oblitere a construção significativa da poesia estudada nem sua imponente imagética. Mais um acoplamento – uma teoria em exercício preciso ao encontro de uma poesia imageticamente

rica e imponente em sua construção sígnica.

Poesia que está inteira na leitura que vai surgindo da *topoanálise* bachelardiana, dos fragmentos de poemas e suas imagens que vão construindo a *poética do dentro* de Sérgio de Castro Pinto, no Capítulo 4 do livro em apreciação, sem esquecer o rigor analítico e interpretativo de Riffaterre; poesia que ressurrete inteira na busca da *unidade de sentido* do poema, a significância de Riffaterre, sem descuidar a imaginação devaneante de Bachelard, no Capítulo final de *Signo e imagem em Castro Pinto*.

Este é o percurso pleno da leitura de Sérgio de Castro Pinto empreendida por João Batista de Brito, uma leitura que, longe de obliterar a poesia que estuda, vai plasmando o vigor da sua composição sígnica que se desdobra em imagens surpreendentes. João, um leitor do signo, armado até os dentes, desdobrando metáforas e desentranhando sentidos; João, um fruidor de imagens, a alma franqueada, ajudando o poeta a desensacar nuvens que tiram sonhos dos travesseiros. Quanto aprendi com este leitor refinado!

Já acoplado com signo e imagem, João indaga: “Existirá, perguntamo-nos nós, o modelo de leitor ideal que aprofunde – com a sensibilidade da alma! – e totalize – com a argúcia do espírito! – ao mesmo tempo?” E a leitura do seu livro oferece a mais fácil das respostas: João Batista de Brito – signo e imagem, mais a poesia de Sérgio de Castro Pinto – signo e imagem: um poeta imenso para um leitor imenso! ✦

José Edilson de Amorim é professor de Literatura Brasileira da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Mora em Campina Grande (PB).

Um lápis e uma borracha para a ler a *Folha Corrida* de SÉRGIO DE CASTRO PINTO

FOTO: DIVULGAÇÃO



Capa do livro *Folha corrida* (2017), que traz selo da Editora Escrituras, de São Paulo (SP)

Krishnamurti Góes dos Anjos
Especial para o *Correio das Artes*

FOTO: EVANDRO PEREIRA



Sérgio de Castro Pinto fez a seleção de poemas para comemorar 50 anos de poesia e 70 anos de vida

Folha corrida, como se sabe, é aquele atestado de antecedentes criminais emitido pela polícia que comprova a ausência de “registros” de determinado indivíduo. Mas também pode representar o histórico de alguém quanto aos acontecimentos que lhe marcaram o passado e que ajudaram a influenciar a persona atual. Batizar um livro de poemas com o título de *Folha corrida* é brilhante metáfora a traduzir os caminhos e veredas porque passou um eu poético ao longo da vida. Assim é que, usando alguma imaginação (uma das molas da vida – os homens ainda não sabem disso, mas estão em vias de), é que vamos encontrar... Nos idos do ano de 1970, um jovem poeta mal entrado na casa dos vinte anos. Ele senta-se à uma mesa vazia... O imaginamos tomado por uma ebulição interior que o sufoca, vê uma pequena borracha sobre o tampo da mesa e nela fixa o olhar por uns instantes, mune-se de um lápis e afinal escreve: ▶

▶ *Esta borracha / guarda no seu bojo / os riscos da infância / em desequilíbrio.
 esta borracha guarda / minha infância rabiscada: / calungas, casas, coqueiros, / toda infância apagada.
 dentro desta borracha / a paisagem certa / de um verão / que o adulto repudiou.
 esta borracha / foi nuvem que devorou / a água dos mares, os sóis / e os barcos da infância.
 dentro desta borracha / há um outro verão / de sóis quadrados / e mares a(mar)elos.
 desejos de externar / os destroços que ela guarda / mas quanto maior o desejo / mais a borracha me apaga
 e o que escrevo agora / já é dela, se apagado / e a borracha devora / um pouco do meu passado.
 a borracha / é uma máquina fotográfica / de calungas, números, medos, / palavras e traços inexatos / e eles nela imergem / mas não serão revelados.
 tenho ímpetos / de parti-la ao meio / e ver o seu intestino: / mares, barcos, sóis, / o verão e o menino.*

O poema acima poema bifurcou-se em duas partes - “duas odes à borracha” -, e passou a integrar a “folha corrida” do escritor Sérgio de Castro Pinto, que em 2017 teve sua obra poética selecionada e publicada pela editora Escrituras, exatamente com o título de *Folha corrida – Poemas escolhidos (1967-2017)*. Sérgio é autor reconhecido nacionalmente, e o projeto editorial que ora vem a público enfeixa poema dos livros, *Gestos lúcidos* (1967), *A ilha na ostra* (1970), *Domicílio em trânsito* (1983), *O cerco da memória* (1993), *A quatro mãos* (1996), *Zoo imaginário* (2005) e *A flor do gol* (2014), ao lado de textos inéditos. Enriquece ainda o volume, uma fortuna crítica parcial, relação de todas as obras publicadas pelo autor, incluindo ensaios e antologias das quais participou, referências a estudos mais



Com efeito, Castro Pinto é um mestre. Sua poesia extremamente existencialista combina-se com a metalinguagem para transmitir ao leitor aquilo de que falou Voltaire. A esperança é um alimento da nossa alma, ao qual se mistura sempre o veneno do medo.

amplos sobre sua obra, apreciações críticas e finalmente, pequena biografia. Verdaderamente uma edição alentada de imensa valia para leitores e estudiosos, que dá conta dos 50 anos de atividade literária do autor.

Com efeito, Castro Pinto é um mestre. Sua poesia extremamente existencialista combina-se com a metalinguagem para transmitir ao leitor aquilo de que falou Voltaire. A esperança é um alimento da nossa alma, ao qual se mistura sempre o veneno do medo. Vejamos o poema “sobre o medo”:

*a) o medo / se aloja na medula / como um cubo / de gelo. // o medo / se infiltra no tinteiro / e o congela. // o medo / se instala na palavra / e a enregela. // com o medo / aprendi o ofício / de armazenar as palavras / como num frigorífico. // com o medo conservo: / dez mil palavras⁹ / abaixo de zero.
 b) as palavras que não escrevo / habitam líquidas / o fundo do tinteiro. // as palavras que não escrevo / habitam líquidas / o fundo do meu medo. // as palavras que não escrevo / sempre me olham - / melhor escrevê-las / em portas de mictórios. // as palavras que não escrevo / têm sede de tinta - / melhor escrevê-las em portas de latrinas.*

Outro exemplo de lucidez, já em outra vertente do poeta. Observe-se como em apenas seis versos curtos, no poema “geração 60”, aflora o senso político apuradíssimo do autor:

a carta branca do montilla / não era de alforria. // a papagaio era calado. // o cuba-libre nos prendia. // e em barris de carvalho / o tempo envilecia.

Que pensar, que dizer quanto a certo engajamento de cunho social observado em um poema como “o jardineiro francisco g. da silva”? ▶

▶ *não espalhas / em folhagem / a tua fala / tão avessa / à textura prolixa / das samambaias. // do muito que podas / já vens podado / e o pouco que falas / não serve de unguento / às feridas expostas / do teu silêncio. // te arrancas como às urtigas / - abrupto, mas com cuidado -, / as muitas que te queimam / enquanto calas. // e do tanto que regas, / medrou de ti / este chapéu de palha: // corola que te empresta / um certo ar ensimesmado, / menos de homem / do que de espantalho.*

Veríssimo de Melo identificou em Castro Pinto “um poeta de muitas invenções criativas. Mágico de muitos sortilégios e ardis”. Observe-se num poema erótico, a arte pura de dizer com um mínimo de palavras, como deve ser um poema erótico, insinuante apenas, como um poema “à queima-roupa”:

nua, ateias fogo / às minhas vestes / e o teu corpo despe-me / em carne viva”.

Observe-se ainda no poeta aquilo que Linaldo Guedes caracteriza como uma “fina consciência de que razão e emoção podem ser, sim, uma rima rica para quem quer fazer poesia de qualidade.

Veja-se como o poeta pensa o poema e se pensa enquanto poeta, no “poema x poeta”:

nem sempre o poeta / ronda o poema / como uma fera a presa. às vezes, fera presa e acuada / entre as grades do poema-jaula, doma-o o chicote das palavras.

E este “recado a Pound”?

Pound, eu não sou / nenhuma antena. // eu sou a pane / e a interferência / dos meus fantasmas // no tubo de imagens dos poemas.

Já o crítico Hildeberto Barbosa Filho afirma com muito acerto que Sérgio usa de uma “lupa microscópica que devas-

sa detalhes secretos, particularidades mínimas, regiões invisíveis ao olho nu do prosaísmo cotidiano”. Exemplo?

“dois poemas 3 x 4”:

a) *a máquina da manhã espoca / e aciona o seu diafragma: / o sol é um flash que me flagra / e após me revela / às negativas do dia.*
b) *entro na fotografia / como quem do mundo / se homiztia. // sem livrar o flagrante. // (instantâneo eu sei que sou / neste mundo lambe-lambe).*

Consciente daquilo que Bandeira escreveu: “A poesia está em tudo”, a inventiva de Castro Pinto radiografa situações ou seres prosaicos, e em rápidas pinceladas de fino humor, alicia inapelavelmente o leitor, como no poema “O caranguejo”.

elmo de um guerreiro medieval. // estojo de um par / de olhos / em riste // como dois dedos míopes, / quase cegos, / Tateando pelo avesso / um mundo destro. // ser dialético, canhoto, / osso e carne, / bicho barroco, // vive entre o ser e o não ser. // em terra firme, / no mangue / ou no mar alto, // radiografia de um esqueleto acuado.

Quarenta e oito anos se passaram desde aquele poema “Ode à borracha” (Que faz parte do livro *A ilha na ostra*, de 1970). O poeta seguiu seu percurso na luta vã com as palavras, luta que rendeu várias outras obras. Vinte e três anos depois, encontramos em *O cerco da memória*, publicada em 1993, um poeta agora mais maduro, e já exímio na poética do minimalismo, uma de suas marcas, num total domínio da expressão, como se vê no poema “o lápis”:

o lápis / é um caniço / pensante Na maré / vazante / da linguagem

E finalmente, não podemos deixar de referir também um

poema “longo”, que desperta no leitor – o resenhista ao menos assim o sentiu – um não sei quê de resquício, um eco de essência poética, uma imagem que oscila entre homem e gato, gato e homem, decorrente da leitura de “o gato e o poeta”. Já alguns críticos comentaram aqui e ali, estrofes e versos desse poema maravilhoso o qual transcrevemos na íntegra como provocação àqueles que ainda não conhecem a obra de Sérgio de Castro Pinto. E não há borracha que possa apagar de nossa memória e de nossa sensibilidade um poema como este “o gato e o poeta”:

o gato faz do poeta / gato e sapato: / foge do poema / para o telhado. paciente, o poeta / atrai o gato / com o novelo / dos vocábulos: puxa-o pelo rabo / bem devagarzinho... / e o que era rabo / vira focinho. o poeta, satisfeito, / dá algumas voltas / numa chave de ouro / e o aprisiona / dentro do soneto. mas o astuto gato / não lhe ensinou / o pulo do gato / e de novo foge / do poema pro telhado. pena que, nessa fuga, / os faróis de um fusca / acendem e ofuscam / os olhos do gato / que foscas se apagam / na escuridão do asfalto. ah, insensato gato, / não estarias melhor / prisioneiro do poema / do que sem as sete vidas / que fogem, uma a uma, / no leito da avenida? é quando, com um fio de miado / - mas sem perder o da meada -, / o gato lavra o seu protesto: / “valeu a pena, poeta, / fazer do seu poema / o meu cemitério? / por que não, poeta, / um poema-telhado, / cheio de vida e de gatos? // nada mais disse nem lhe foi perguntado. ▶

Krishnamurti Góes dos Anjos é escritor, pesquisador e crítico literário, autor, dentre outros livros, de *Gato de telhado*, *Doze contos e meio poema* e *Um novo século*. Reside em Salvador (BA).

A poesia p e l a DEFINIÇÃO-DESCRIÇÃO



Joaquim Branco
Especial para o *Correio das Artes*

Da mais alta estirpe dos poetas nordestinos – que o situa entre Pernambuco e a Paraíba – o paraibano Sérgio de Castro Pinto editou sua obra *Folha corrida* (São Paulo: Escrituras, 2017), num vasto painel de boa poesia. São poemas escolhidos que abrangem o período de 1967-2017, num volume de 302 páginas, contendo praticamente seus principais trabalhos, desde a coletânea *A flor do gol* a *Gestos lúcidos*, numa ordem cronológica descendente. Essa preferência de tempo mostra-se eficaz, porque indica ao leitor atual onde se situam as atuais predileções temáticas e técnicas do poeta que não deixa de fora nem o fenômeno futebolístico ou o carinho pelos animais, a intertextualidade, a natureza (*A flor do gol*), os acontecimentos infantis e familiares, a memória (*O cerco da memória*), novamente o passado (*A ilha na ostra*) e muitos outros. Ao final do livro, são catalogados a fortuna crítica, livros (estudos e referências) e as obras de e sobre o autor. O poema que abre a antologia – “o poeta septuagenário” – autocrítico, a meu ver nos dá sintomaticamente o princípio da técnica de Sérgio de Castro em direção à definição-descrição de que falo no título desta resenha. Ao invés de simplesmente metaforizar ou até comparar, o poeta “faz o caminho” do verso numa manobra com palavras cujo efeito crítico-poético se faz sentir imediatamente ao final do texto. Transcrevo:

*o poeta / arrasta / os pés
e tropeça / nos versos / de pés / quebrados.
o poeta / não mais / se inspira.
o poeta / só inspira / cuidadosos.*

Em “o gato e o poeta”, Sérgio transita entre o poema e o esperto animal, mas enquanto

o aprisiona / dentro do soneto”, “o astuto gato / não lhe ensinou / o pulo do gato / e de novo foge / do poema pro telhado.

Ironia e amargura se juntam em “aniversário”, quase sempre em minipoemas:

*são 56 verões / são 56 invernos / outonos nem se fala / muito menos primaveras.
até que um dia / descarrilharei / numa dessas estações
e nunca mais verei
um verão como este.*

Gosto especialmente das sínteses poéticas, tão difíceis de se conseguir quão eficientes como flechas certeiras de “na bicicleta ergométrica”:

*pedalo milhas / da ciclovia / imaginária
e o coração dispara:
dou carona às coronárias.*

O envelhecimento não escapa ao poeta, nem na meia-idade, com em “aos quarenta”, que demonstra a amargura em meio à realidade através de um eficaz jogo de palavras:

*aos quarenta, adias / o ser e o não ser.
o deve e o haver.*

*adiaz a tudo.
mas, após os quarenta / há dias para tudo?
após os quarenta, / só sobras do nada.
soçobras em tudo.*

Certa deficiência visual do poeta está em “quase em braille”, num lúcido registro:

*míope, extraviou / viagens / em valises
e o mundo tasteio / quase em braille.
míope, não sei / em que lentes
deixei esquecidas / as antigas paisagens.*

“Poema”, mais que crítico, é definidor ou autodefinidor e antes de tudo metalinguístico:

*eis a fórmula / ou a forma: / a água
/ fura a rocha / e assim faço / o meu poema.
[...]
não um poema / com o azul / da blue-blade,
/ mas um poema / que sangue / as maçãs da face.*

Assim é como vejo a obra de Sérgio de Castro Pinto – digno representante da contemporaneidade poética – e que marca seu tempo com a qualidade e a visão de mundo que leitores e estudiosos devem conhecer e reconhecer nas suas preferências de leitura e pesquisa de literatura brasileira autêntica. ✦

Joaquim Branco nasceu (1940) e mora em Cataguases (MG). É poeta, escritor, jornalista e professor universitário. Publicou, entre outros livros, *Concreções da fala* (poesia, 1969), *O caça-palavras* (poesia, 1997), *Recr(e,i)ações críticas* (artigos críticos, 1999) e *O menino que procurava o reino da poesia* (narrativa de ficção, 2005).

FOTOS: DIVULGAÇÃO



FEITIÇO DA PALAVRA de Mercedes Cavalcanti

Agláé Fernandes
aglaefernandes@gmail.com

No volume *Feitiço da palavra*, publicado em 2015 pela editora Ideia, Mercedes Cavalcanti reúne dezessete contos, nove dos quais ilustrados com expressivos desenhos da própria autora, que é também artista plástica e assina seus trabalhos com o apelido de infância: Pepita. Cada um dos dezessete contos é apresentado em poucas linhas por um primeiro leitor do texto. Entre estes apresentadores estão escritores, críticos literários, jornalistas, professores de literatura etc.. São pequenos *leads* de leitores avisados para abrir o apetite dos demais. Muitos dos contos são narrativas sensíveis das pequenas misérias cotidianas, com contornos irônicos, cômicos, dramáticos e, às vezes, fantásticos. A disposição tipográfica algumas vezes foge da tradicional e vemos frases/parágrafos em fontes diferentes da fonte do resto do texto; trechos em forma de caligramas; sucessões de parágrafos ultra curtos etc. O resultado são contos com um apelo visual original, onde a diversidade tipográfica é a própria produtora de sentidos.

Uma característica que salta aos olhos na escrita de Mercedes é a riqueza vocabular. A autora tem o termo mais preciso para cada situação narrada. Nada de verbos neutros que apenas de maneira vaga e geral expressem ações e

estados. A narrativa é especialmente atraente pela qualidade vocabular, pela opulência lexical que confere ao texto vivacidade, elegância, fartura de sentidos e sonoridades. Assim, essa variedade lexical e a frequência de termos pouco usuais fazem com que o jovem leitor, que se propuser a ler os contos de Mercedes, seja instado a consultar o dicionário muitas vezes. Apenas por esse aspecto, o livro já terá cumprido importante função.

Não se trata, no entanto, de dar ao texto um nível de linguagem propositalmente elevado e, por conseguinte, precioso e pedante. Ao contrário, por sua rica expressividade, cada texto exibe uma corporeidade especialmente sedutora pela qual o leitor se apaixona e se envolve até o ponto final.

(Aliás, quem convive com a autora sabe que ela não economiza seu tesouro pessoal da língua portuguesa, usa-o na diária, nas situações mais comezinhas, não faz como algumas senhorinhas que guardam sua porcelana de Sèvres para usar apenas em ocasiões especiais. Não raro, em uma conversa durante uma caminhada à beira-mar, por exemplo, termos que não vemos nos jornais todos os dias como “vicissitude”, “benesse” e “epifania” fluem fagueiros na fala de Mercedes, dando provas de sua grande in-

timidade com o vernáculo, advinda de inumeráveis leituras acumuladas através dos anos, inclusive por imperativo profissional, já que é também professora de letras.)

Por outro lado, os termos populares, familiares e vulgares da língua aparecem com a mesma naturalidade com que aparecem os adjetivos mais elegantes. Nenhum pudor lexical quando determinado personagem é iletrado e grosseiro, ou o narrador é naturalmente desbocado: sua fala é rigorosamente autêntica e a contista não se furta a revelar os sentidos mais chulos e escatológicos nos termos exatos.

O conto que dá título ao livro, *Feitiço da palavra*, trata do alumbramento de uma estudante, às voltas com a correspondência de um velho poeta, diante de uma palavra encontrada ao acaso: “hálux”. A narrativa se desenvolve em torno das possibilidades semânticas evocadas pela sonoridade da palavra desconhecida pela estudante até o momento da descoberta do seu sentido em um dicionário. Além de um tocante elogio à escrita cursiva e às antigas cartas, em contraponto às atuais mensagens eletrônicas, o conto traduz primorosamente a experiência extasiante de um devaneio intelectual desencadeado pelo encantamento provocado por uma simples palavra.

A escolha do título deste conto para o livro foi muito feliz, uma vez que em todos os contos ali reunidos a riqueza vocabular é onipresente, os efeitos sonoros e semânticos das escolhas lexicais são uma verdadeira e delicada homenagem ao feitiço da palavra, que é, em última análise, a sementeira a partir da qual brota cada uma das narrativas da contista Mercedes Cavalcanti.

Por fim, vale sublinhar que a capa do volume traz a reprodução de um belíssimo óleo sobre tela, também de sua autoria, onde se vê um violinista em gesto suave a executar seu instrumento: uma escolha perfeitamente apropriada para evocar a musicalidade, elemento incontornável da composição do feitiço de cada palavra. ♥

Agláé Fernandes é ensaísta literária e professora doutora do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mora em João Pessoa (PB).

Os silêncios

QUE FALAM NA POESIA DE

Amanda K.

Linaldo Guedes
linaldo.guedes@gmail.com

Fazer poesia não é uma coisa fácil. Sim, escrever é de todo uma atividade difícil. Mas o problema da poesia não é ser fácil ou difícil. É ser. Em poesia você É ou não É poeta. Não adiantam oficinas literárias, cursos de escrita criativa, dicas de professores e amigos já mais escolados no ofício poético se você não É. Quando você É, você já nasce sendo. As técnicas que aprende, as dicas que assimila, só servem para aprimorar sua poética, a torná-la acima da média. Quando você não É, não vai ser nunca. As técnicas,

dicas e outras coisas só vão servir para pasteurizar ainda mais sua escrita, a torná-la igual, sem sal, insossa. Na prosa é mais fácil enganar. Na poesia, não. Ou você É ou não É.

O livro *vinis descascando pelas bordas* é poesia, sim. Muita! O livro de estreia de Amanda K. na poesia é amargo, às vezes, dolorido, noutras, irônico na maioria das vezes, mas muito intenso, muito lírico, de muito verde poético. O título em si remete a algo não convencional nos tempos de hoje. Não estamos na época do vinil, apesar da indústria tentar trazê-lo à tona. Por mais que volte, no entanto, fica mais restrito a um grupo, digamos, mais cult, “descolado”, como dizem os mais jovens. Talvez a referência seja porque a poesia de Amanda K. surge como um bom e velho disco de vinil. Não no sentido de ultrapassado, de defasado. Mas, sim, de uma poesia moderna, ágil, rítmica, surreal em alguns aspectos. É preciso lê-la, ouvi-la, como se coloca um bolachão na vitrola e se viaja na melodia.

Começamos pela primeira faixa do disco, quer dizer, do livro, a falar do vento que “zombe” e assombra. Depois, é a hora de alçar voo sobre a asa deste mesmo vento. Ou seria de outro? Talvez seja o vento de Maria, “livre demais” para estar num só sexo. Uma transgressora que abusa do lirismo “para adoçar os dias”, feito um passarinho, que vem beber água e se vai no silêncio. Dia desses, aliás, vi na TV uma entrevistada falando do silêncio das mulheres, representada na mãe de Jesus. O livro de Amanda fala desses silêncios, que barulheiam em suas páginas. O silêncio da mãe, diante do dese-

Em vinis descascando pelas bordas, Amanda K. reúne poemas que vinha produzindo há mais de dez anos

FOTOS: DIVULGAÇÃO

- nho do cavalo ou da transformação em arco-íris, por exemplo.

Tem também o silêncio da nostalgia, troçando da velha esquizofrênica, da rebeldia inventada e da verdade que é mentira. Algo que lembra Adélia Prado, em alguns momentos:

pra mim
que já pulei
todos os muros
(rebelia inventada)
nada me anima
ou aquece
a não ser
tuas mãos
massageando meu ego.

O silêncio da esperança está presente com força na poesia de Amanda K. Afinal, é “no desassossego/ que se afoga a preguiça”. Algo bem blasé:

ao contrário do que dizem
resolvi viver
não mais riscar com essa caneta
rangendo
nem coçar freneticamente a cabeça
cantarolando
“meu bem, meu bem...”
enchendo as unhas de lixo
e de cuspe o chão

O silêncio da ironia com dezembro. Que mistura água com óleo, que sabe que a felicidade não precisa de malabarismos. O silêncio de quem tem medo de um dia “de tanto apagar/ a vida/ ela se rasgue”. Um silêncio de quem se esconde nas sombras de Platão, algo meio Quintana, a falar da solidão do pingo de chuva. Um silêncio que simplifica a morte:

a morte
é cruel e simples

aos olhos da criança
que cresce:

- a gente chora
depois esquece

A poesia de Amanda é cheia de silêncios que falam alto. Interessante constatar que é uma estreante no gênero que não flerta explicitamente com alguma influência específica. Também não faz proselitismo, não é panfletária, não insiste na metalinguagem, não exagera em poemas sobre o nada, como se farta hoje a poesia brasileira, com poetas tão cientes de seus talentos quanto inconscientes da



O livro de poesia de Amanda K. tem o selo da Editora Escalera

ausência de poesia em seus versos. A poesia de Amanda K. é silenciosa como um trovão nas noites quentes dos sertões nordestinos. Porque ela chega pontuada nos silêncios e de repente explode, com a vida, com o cotidiano, com a poesia, enfim.

Confirmam esse poema:

na radiola do meu avô
vejo a vida passar
em vinis

descascando
pelas bordas

É um poema que resume a ideia da estreia de Amanda K. na poesia, em livro: a nostalgia musical do cotidiano lírico da poesia.

Em tempo: Natural de Cajazeiras, Amanda K está radicada em João Pessoa. É advogada e foi vencedora do Concurso Nacional de Contos e Poesia que marcou os 60 anos do “Correio das Artes”, na categoria Contos com a obra “Cogumelos nascem no telhado”. Seu livro *vinis descascando pelas bordas* foi lançado pela Editora Escaleras, de Débora Gil Pantaleão. ✦

**O silêncio da ironia
com dezembro. Que
mistura água com
óleo, que sabe que a
felicidade não precisa
de malabarismos. O
silêncio de quem tem
medo de um dia “de
tanto apagar/ a vida/
ela se rasgue”.**

Linaldo Guedes é jornalista e poeta. Nasceu em Cajazeiras e mora em João Pessoa (PB). Como jornalista, atuou nos principais órgãos de comunicação da Paraíba e foi editor do “Correio das Artes”. Lançou, entre outros livros, *Os zumbis também escutam blues e outros poemas*, *Tara e outros otimismo* (poesia) e *O nirvana do Eu* (ensaio).
E-mail: linaldo.guedes@gmail.com.

Regina Celi M. Pereira

Paráfrases

diz o poeta
que a vida não basta,
então, há arte

coisas não bastam
mesclam: vida e morte,
todo e parte

Ao risco

inverto meus nexos
só nos vértices do verso
po-e-me-trí-a-mo

coisa sem graça
que vem de mão beijada:
chega e passa

em horas fugidas
a tarde enxuga a noite
encolhe o dia

mordaz pesadelo
foi adormecer poeta
e acordar vazio



ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SÁVIO



Regina Celi Mendes Pereira nasceu (1963) e mora em João Pessoa (PB). É professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), pesquisadora do CNPq, editora da revista *Prolíngua* e coordenadora da subseção da Cátedra Unesco em Leitura e Escrita. Suas publicações em livros e revistas são todas acadêmicas, em Linguística Aplicada. É leitora e apreciadora de poemas e, de vez em quando, arrisca-se em escrever alguns.

Carlos França

O beijo

O beijo que barulho faz,
Desfaz imediato segredo,
Deixando presa em Alcatraz
A liberdade concedida em medo.

É a noite terminada mais cedo,
No abraço imaculado entre dois.
Uma estrela apontada pelo dedo
Querendo deixar o beijo pra depois.

A boca que beija inocente,
Beija a boca de toda gente.
Beija no espaço do vento.

Quem beija, o temor desfaz.
O amor sem beijo não é capaz
De beijar outra boca a qualquer momento.

O preto

O preto, dizem, é a cor do luto.
É a ausência de outras cores.
É o que cega no espaço.
O preto é um rumo sem consciência.
É obscuridade dos sonhadores
É o encontro sem abraço.

Vejo-me, com os olhos cerrados,
Num turbilhão de pensamentos,
Onde o desencontro é a fluidez da vida.
Sou o nada numa poeira que mata,
Sou nada, sem pele, sem osso.
Sou a escuridão do fundo de um poço.

E para que me faça inexistente,
Somente a morte para estancar meu pranto.
Ser coberto por um preto manto
E deixar este mundo,
Deixar de ser gente.
A morte, é a ausência da vida.
Minha cor preferida.



O poeta **Carlos Henrique Castro França**, 66 anos, é natural de Porto Velho (RO) e mora em João Pessoa (PB). É bancário e artesão aposentado e, atualmente, cursa Letras (Português) na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).



ILUSTRAÇÃO: TÔNIO

Dormindo

Quisera estar dormindo.
Olhos fechados,
Cabeça reclinada em um travesseiro.
O corpo inteiro descansado
Do dia.
Quisera estar dormindo.
A luz apagada,
Luar da madrugada
Invadindo meus pensamentos.
Quisera estar dormindo
Para acordar bem longe.
Quem sabe num campo de flores,
Numa estrada de pedregulhos,
Ou em cima de uma nuvem.
Quisera estar dormindo.
Quisera não dormir assim,
Sem nada dentro de mim.

Revelação

Da sacada do apartamento –
como se de um observatório
em que o corpo todo e a mente
e instrumentos, paredes, teto
e o piso onde os pés pisam firmes
congregam-se a tudo existente

as coisas e os microorganismos
o brilho de estrelas pretéritas
o luzeiro do sol, ainda
que a hora badale madrugada
o ir e vir dos ônibus e
o entre rapidez e demora

o amor, seu sono e suas drogas
cães que passam, farpas e traças
nas gavetas e guarda-roupas
os mitos que restam à história
incluindo nisto o dinheiro
a angústia e a ausência de paz –
num todo de tudo num instante
de continente e conteúdo
expostos, simultaneamente
em carne e sangue e vãos e em ossos
absoluto o próprio absoluto
revela-se e logo se esconde

Revela-se aqui da sacada
mesma, e se esconde dela própria
e não sendo ela, mas contendo
a matéria e a ideia de
sua forma, é também lá fora
dentro da abóboda do mundo

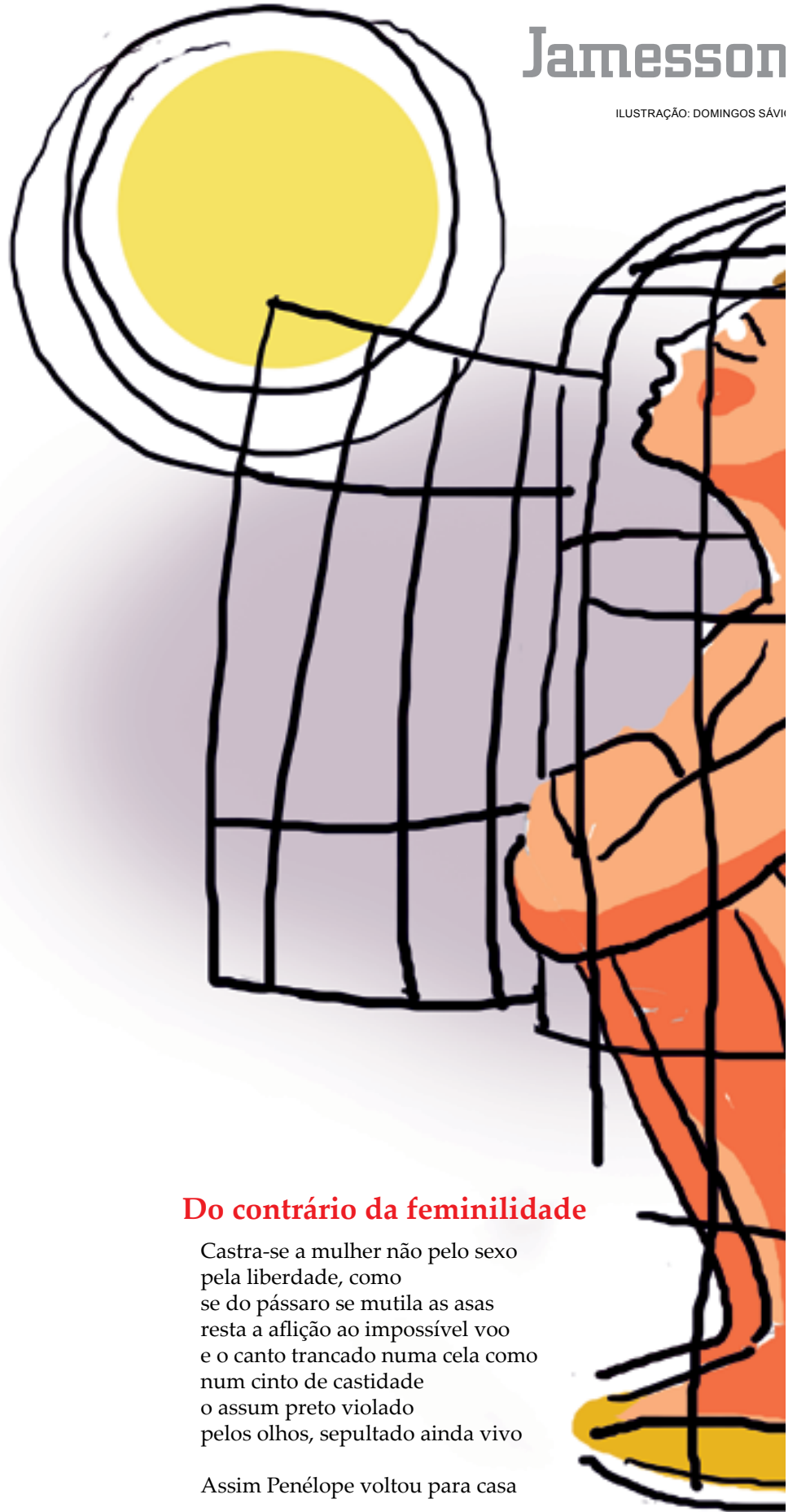
e fora deste, estando dentro
do corpo cósmico da elipse
(todo o universo), revela-se
e se esconde também ali
na paisagem do aeroporto
na melancolia e na tarde

como uma rosa, porque nunca
é estranha a nada – pode ser
feita de plástico ou de pétala
suporta chuva e outonia
presenteia a pessoa amada
ou simplesmente existe aí

Do contrário da feminilidade

Castra-se a mulher não pelo sexo
pela liberdade, como
se do pássaro se mutila as asas
resta a aflição ao impossível voo
e o canto trancado numa cela como
num cinto de castidade
o assum preto violado
pelos olhos, sepultado ainda vivo

Assim Penélope voltou para casa



Buarque



Autorretrato

Existe um toco, torso
 Transpõe-se para o mesmo lugar, vago
 É óbvio e irritante, tosco
 Seus olhos sorriem mortos, opacos
 em castanho seco e pesados
 Dorme em intervalos e cavalga-se. Sim, de Peixes em Touro, é um cavalo
 Ainda não teve a filha, resta-lhe os livros
 Não é ingênuo nem cínico, é irônico, quiçá obtuso, abismado
 Sobrevive a insuficiências aos cortes, jamais parco
 A cabeça é de ouriço com espinhos amputados, um pedregulho
 Não fabrica distâncias, mas as provoca pelos ossos
 quando não, emprega os lábios
 ou furo na parede visto pelo outro lado
 Parece jovem e passado, velho e desmedido
 É sinistro de perna e braço, um ovo ao avesso
 e quando sai, não passa do próprio quarto
 como se avistasse adiante apenas um palmo
 Sofre de preguiça, mas não para, e quando para, inverte o corpo
 Evidente livro fácil, não se importa nem um pouco
 Teima como se jogasse truco o tempo todo
 embora desconheça este e outros jogos
 Lê em posição de mocho, como um rinoceronte ladeando um tronco
 Anda para aqui e para lá, de ida e volta, entre espasmos
 jamais surtado nem doido, como quem pensa, embora micróbio
 De resto, espera que o próximo ano dê certo
 prepara-se para incessante inverno
 e tardes de mais perdas entre os dedos
 Ancora-se na desistência e move um encouraçado a sopro
 Sobretudo, da medula e das veias até os pelos, incluindo os cílios
 acredita no povo, toda gente que resiste de novo
 Não sabe se tem arestas, mas se tem, não acumula pó nem outros restos
 Acredita no amor, e para encontrá-lo
 inventa lamentos debaixo do assoalho
 Cúmplice das paredes, lembra-se dela pelo cheiro
 dela, a que singrou no vento depois do último beijo
 Talvez seja um copo, onde uma maré sobe e desce entre nervos
 e, mais tarde, enquanto houver um ano que seja o próximo
 garantirá despir-se de seus óculos quebrados e sem conserto
 em formato de palimpsesto dele mesmo
 Um rio dragado, um disco furado
 existe um toco, torso



Jamesson Buarque nasceu em Recife (PE) em 5 de março de 1973. Morou em Itabaiana (PB), Petrolina (PE) e Rio Maria (PA). Atualmente, está radicado em Goiânia (GO). É docente da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFGO) e autor dos livros *Os delírios* (1998), *Novíssimo tratamento* (2004), *outra troia* (2009), *Pluviário perpétuo* (2011) e *Meditações* (2015).

Matheus Gun

Canto de dissolução

Sepultadas no tempo
deitam-se as coisas todas,
que já nem coisas são,
mas memória de coisas.

Sepultados no tempo
afundam-se os rostos
todos, ou quase todos,
e as datas, risos, gostos.

Sepultadas no tempo
jazem as nossas vidas,
num tempo em que não são
nem gozo nem ferida.

Sepultados, enfim,
no tempo, todos nós.

Onde não há nem feito,
nem pessoa, nem voz.

O último poema ou Rio Lete

Para a amiga Juliana Pasquarelli Perez

“Um dia em que se possa não saber.” - Sophia de Mello Breyner Andresen, “Intervalo II”, 1950

A cabeça no limbo do tempo.
Descansar já sem rosto e sem nome
e, deitado no córrego insone,
esquecer-se do bicho, do homem
e, com o tempo, esquecer-se do tempo.

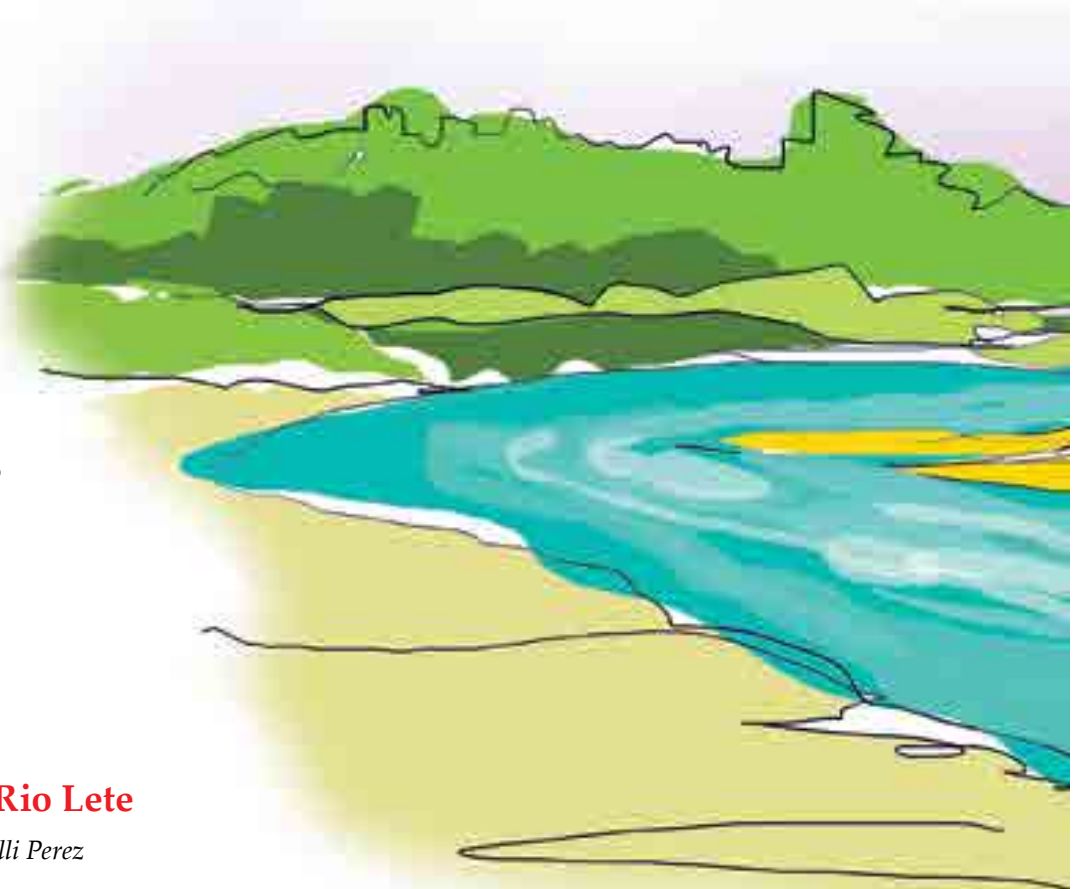
Primeiro

O toque mesmo nas coisas
para lembrar as mãos da
arquitetura limpa daquilo
que o mundo gestou.

A mão limpa, cartesiana, reta
pelas coisas
para tirar o pó sobre os nomes

sol, xícara, casca, ladrilho, pêsego, miséria

e tocar outra vez
como no Dia Primeiro
algo dos nomes
que vibre.

**Na estreita baía do corpo**

a –
Onda: eterna insuficiência,
fadada a sempre cortejar o nunca
sobre uma terra que se lhe foge
perto e inalcançável.

Inútil

Inútil
inútil o gesto o plexo o beijo
inútil o desejo e o não-desejo
[igualmente
Inútil inútil o salto e a pausa
Inútil a mão no ombro alheio
[e próprio

Inútil soberanamente inútil
o gesto o plexo o beijo
nas campinas afiadas de verde
nas geometrias escuras da mente

e essa vontade de amar.

Guménin Barreto

ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SÁVIO



Matheus Guménin Barreto (1992) é poeta e tradutor. Nascido em Cuiabá (MG), é pós-graduando da Universidade de São Paulo (USP), onde traduz a poesia de Ingeborg Bachmann. Publicou traduções de Ingeborg Bachmann em *Dito ao anoitecer* (2017) e *Lira argenta* (2017), de Bertolt Brecht em *Cântico de Órge* (2017) - parcerias entre Selo Demônio Negro, Editora Hedra e a editora portuguesa Douda Correria. É editor do site cultural Ruído Manifesto e integrou o Printemps Littéraire Brésilien 2018 na França e na Bélgica a convite da Universidade Paris-Sorbonne. É autor dos livros de poemas *A máquina de carregar nadas* (2017, Editora 7Letras) e *Poemas em torno do chão & Primeiros poemas* (2018, no prelo).

Emanuel Me

Borges

ILUSTRAÇÃO: TÔNIO

É vasta a nossa população de mortos.
 O mundo, Borges,
 infinita biblioteca, além – é claro – de tigres,
 espelhos, labirintos, punhais, livros, proféticos
 sonhos, Homero, Camões, outros cegos – você,
 a sombra enaltecida não é sombra,
 claridade de alguns labirintos,
 portas, enigmas decifrados,
 alta capacidade mnemônica.

Somos poucos, somos tão poucos,
 e parecemos muitos.
 “Alguém constrói Deus na penumbra”, escreves sobre Spinoza.
 Amor?
 É o Espírito Santo que nos escreve?
 A literatura como sedução/invenção: a vida só não basta.

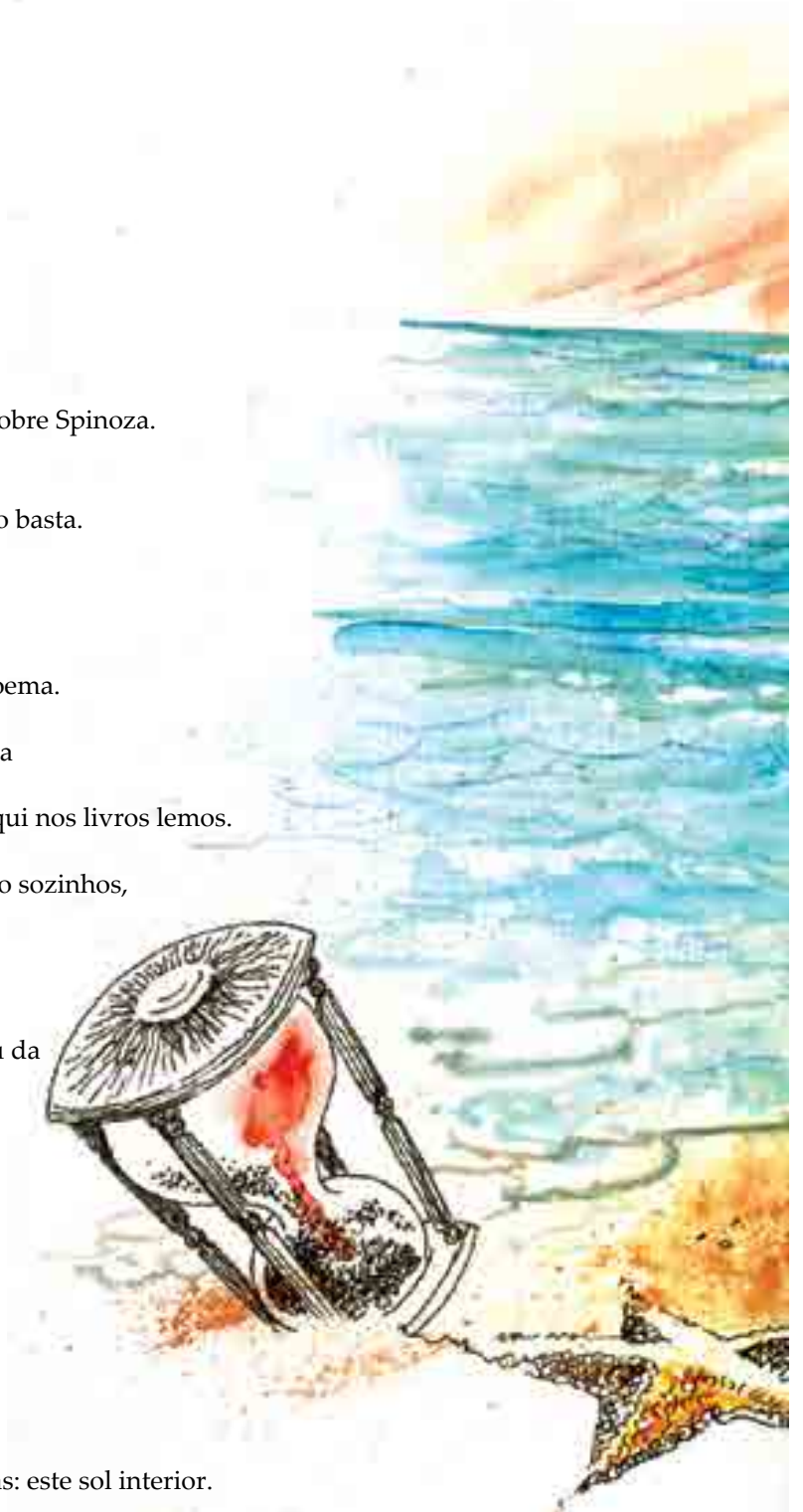
Irmão: fazedor de enigmas,
 decifrador de espelhos,
 contemplador de tigres,
 este punhal que manejo agora: a construção do poema.
 Nada podemos contra a solidão?
 Shakespeare, Cervantes, Stevenson, “As Mil e Uma
 Noites”, a Bíblia, e toda as obras desta estirpe de
 mortos, mas que não inventam o silêncio: estão aqui nos livros lemos.

Somos poucos, mestre, somos tão poucos, mas não sozinhos,
 parecemos muitos.
 Estás junto aqui, agora, comigo,
 neste maio,
 luminosa manhã planaltina
 (poderia ser uma rua perdida de Buenos Aires, ou da
 Bahia, onde começamos).

Sim, é vasta a nossa população de mortos,
 Só queria pressentir tua alma,
 descobrir meus inquietos córregos, pântanos.

Iluminas o breu, mágico cego,
 singrando por outros mares,
 sem portulanos, astrolábios,
 também breve a vida,
 vejo intrusos, lugares remotos, mapas de
 fronteira, duelos, a morte na poeira,
 ruínas e renascimento, sombras dentro de sombras: este sol interior.

O mais pródigo amor te foi outorgado
 (como te referiste a Baruch Spinoza):
 o amor que não espera ser amado



deiros Vieira

Astrolábio*Para Lucas, meu filho*

A bússola e o astrolábio:
velas ao vento.
Existe outro Bojador nestes mapas interiores?
Os navegadores estão no exílio:
há faróis neste degredo?
Findou a aventura no mundo.

Singrando-me, cumpro-me.
Além de mim, além da vida:
do pó que serei.

Homem diante do mar

Homem diante do mar
(instância interrogativa).
Precária caravela.
E finita: a vida

Trapiche:
o homem só contempla
(desembarcado).

No estatuto da memória:
ele se interroga, nunca mais a ação.

No porto: a rapariga rosada estendeu um lenço.
Limo: foram-se a juventude, o trapiche, a rapariga, o lenço.

(Mátria: sou apenas um homem diante do mar.)

Desterro: instante convertido em sempre.

O homem desembarcado só pode viver de memória: diante do mar.



O escritor e jornalista **Emanuel Medeiros Vieira** nasceu em Florianópolis (SC), em 31 de março de 1945. Residiu em Brasília e vive em Salvador (BA). É autor de dezenas de livros e detentor de prêmios literários nacionais. Em 2010, seu romance *Olhos Azuis - Ao Sul do Efêmero* (Thesaurus Editora/FAC, Brasília, 2009), recebeu o Prêmio Internacional de Literatura, outorgado pela União Brasileira de Escritores - UBE, sendo contemplado com o "Prêmio Lúcio Cardoso", concedido para a melhor obra - segundo a entidade -, publicada no gênero, no Brasil, naquele ano.

Parahyba

Parahyba, Capital,
Mais interior do que
Caicó arcaico.

Tambiá, Tambaú,
Varadouro, Manaíra,
Jaguaribe Carne.

Ponta do Seixas,
Ponto dos Cem Réis,
Ponto de vista.

Se não fossem a cruz e a espada
E os canhões de Catarina,
Ainda serias Frederica?

Fantasmas infestam
O centro histórico,
Turistas passeiam.

Crianças invadem
As ruas da cidade,
Turistas fogem.

Na solidão da noite,
O Poeta caminha,
Augustamente.

Antecicuta

Já li Saint-Exupéry
Aquele de *Terra dos Homens*.
Hoje tomo Augusto dos Anjos
Em doses homeopáticas.
Pois a morte é certa
Os dias incertos
E, sobretudo, não tenho pressa.

Leitmotiv

Não canto as cidades
Aonde passei.
Escrevo versos apenas
Sobre os lugares
Que em mim
Ficaram.
(Ou sobre àqueles
Que me atravessaram).
E faço odes a recantos
Onde nunca estive.

Delatório

Descrevo sentimentos que antes
Eu não sabia existentes.
Esqueço amigos de infância,
Velo os inimigos de hoje.
Revelo amores antigos,
Publico segredos de polichinelo.
Planto tempestades.
Ponho-me, me exponho, me oponho.
Atropelo o ritmo,
Brigo com a métrica.
Da rima, me intrigo.
Nas palavras busco abrigo
E me traio.

A poesia é a delatora do poeta!

Redivivo

Já nasci várias vezes
Morri outras tantas.
Meu primeiro nascimento
Foi sozinho
E triste.
Tinha mais de cem anos.
O peso da idade
Acabrunhava o bebê.
Ninguém entendia.
Mas fui ficando mais jovem.
Cada dia valia anos,
A menos.
A minha primeira morte foi também
Sozinho.
Porém de festa e alegria.
Redivivo,
Fui ganhando saúde e viço.
A cada ano mais jovem fico.
Hei de morrer
Na floridade.

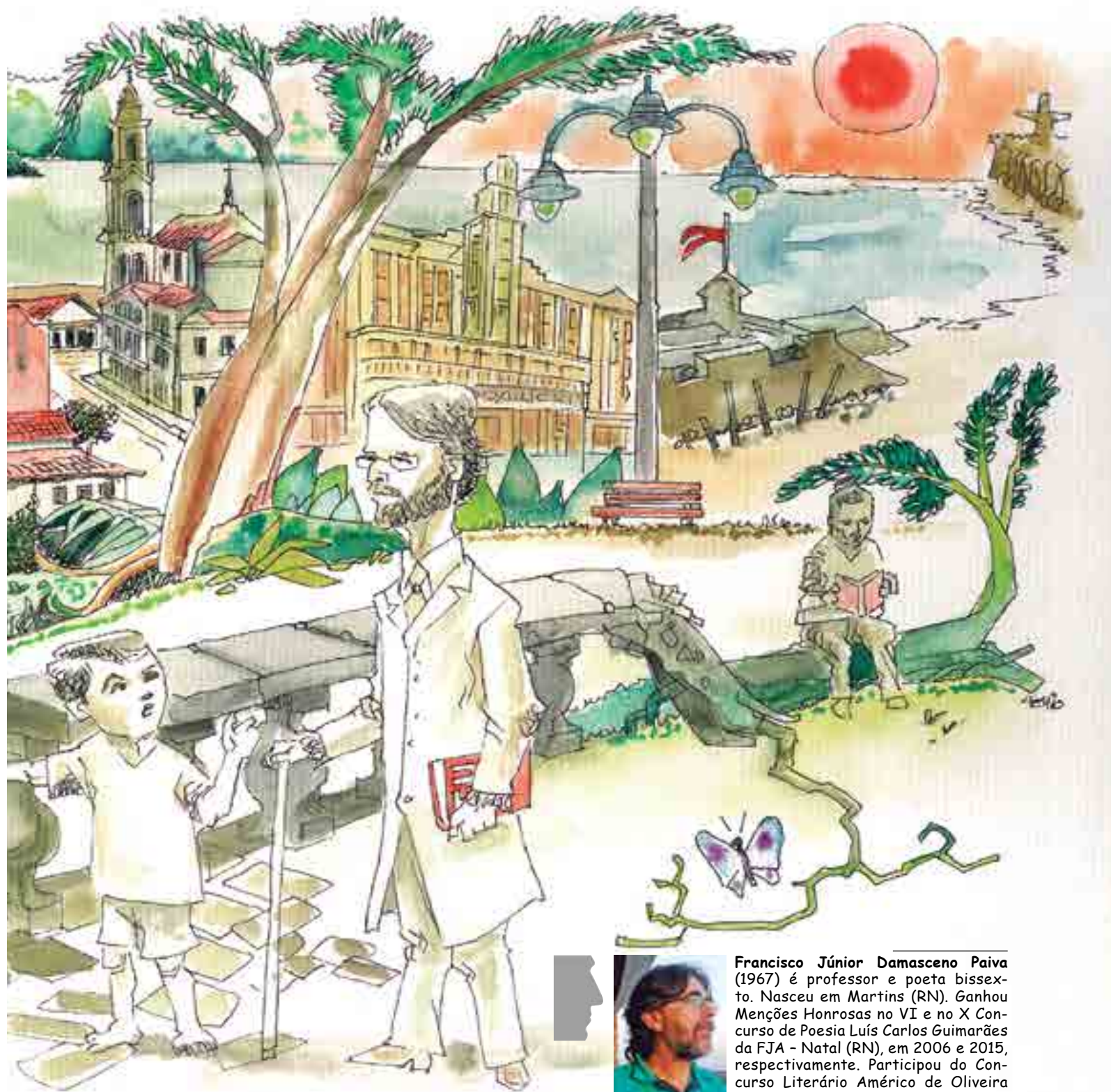
Relativismo espiritual

Nem todos os patuás,
Nem toda a água benta,
Nem todas as *rezas-brabas*,
Deram conta dos meus
Demônios interiores.
Parei de afrontá-los...
Doravante,
Misteriosamente,
Reina a mais absoluta
Harmonia interior.



ILUSTRAÇÃO: TÔNIO

Damasceno



Francisco Júnior Damasceno Paiva (1967) é professor e poeta bissexto. Nasceu em Martins (RN). Ganhou Menções Honrosas no VI e no X Concurso de Poesia Luís Carlos Guimarães da FJA - Natal (RN), em 2006 e 2015, respectivamente. Participou do Concurso Literário Américo de Oliveira Costa, da Editora da UFRN (2015), com o poema "para um cartão postal". Tem artigos filosóficos, literários e acadêmicos publicados em revistas do país. Os poemas desta página fazem parte do livro *Delatório* (Edição do Autor, 2017). Edita o blog Osseva: <http://ossevaodonecsamad.blogspot.com.br>. Mora em João Pessoa (PB).

Iluminações sobre o precário

Jeová Santana

Especial para o *Correio das Artes*

Soa meio óbvio dizer que, diante de um poema, o que salta aos olhos, em primeiro lugar, é sua forma. Ali estão: a quantidade de estrofes e versos; o modo como estes estão distribuídos, compactados ou em diálogo com o branco da página. Num segundo momento, apura-se se tais versos correm soltos ou estão presos a certas medidas rítmicas, a chamada metrificação, assunto que os alunos de Letras veem mais ou menos na graduação, e cujo domínio requer um contato permanente fora dela.

Nosso espanto, diante desse recurso, aumenta quando se verifica que ele está presente tanto no rigor clássico do português Luís Vaz de Camões, quanto nos temas agrestes do cearense Patativa do Assaré, cuja escolaridade limitou-se às primeiras letras. Saber, por exemplo, que as sílabas métricas vão até a última tônica da última palavra já é um ganho. Este, contudo, tende a ficar maior ao des-



*Em **Desdizer**, Antonio Carlos Secchin reúne livro inédito e a poesia anterior, revista e estampada em versão definitiva*

FOTOS: DIVULGAÇÃO



cobermos que o poeta tem de se apoiar, também, nas sílabas tônicas anteriores. No caso do verso decassílabo, por exemplo, há duas possibilidades: fazê-las coincidir, nas sílabas 6 e 10 (decassílabo heroico), ou nas 4, 8 e 10 (decassílabo sáfico).

Pois bem, matemáticas à parte, diante desta que é considerada a mais radical das linguagens, são muitos os chamados, mas poucos os escolhidos. Nessa perspectiva, nem sempre publicar muito é sinal de garantia para figurar no solar dos eleitos por críticos, leitores e instituições. Antonio Carlos Secchin é um representante dessa predisposição. O que chama atenção em seu percurso bibliográfico é justamente a margém e a economia. Salvo erro na contagem, são cento e trinta poemas que registram o grosso de sua lavra de 1969 a 2017, enfeixados neste *Desdizer e antes* (Rio de Janeiro: Topbooks, 2017), acrescidos dos que constam em quatro livros anteriores. De quebra, trinta e cinco aforismos, retirados de duas obras críticas, *Poesia e desordem*, (1996) *Escritos sobre poesia & alguma poesia* (2003), além do texto “Um depoimento: escutas e escritas” (2006). Tanto neste quanto naqueles o leitor encontrará as bases que norteiam o pensamento do autor sobre sua escrita e sobre a literatura. É evidente que a leitura do depoimento deve ficar por último para que se percebam os pontos de contato.

Os trinta poemas novos dão continuidade a certas marcas dos anteriores: diálogo com o leitor, metalinguagem, intertextualidade, paródia, releitura, homenagens etc. Em “Na antessala”, que a abre a fornada, estão presentes alguns desses índices. Em sintonia com a tradição, representada por Pessoa, Drummond e Cecília, o poeta apresenta suas armas ▶

▶ dizendo-se abaixo do tom dessas grandes vozes alertando “O desavisado leitor” para que não “espere muito” dele, pois “O máximo, que mal consigo,/ é chegar a Antonio Secchin.”

É claro que estamos apenas diante de um jogo. A pretensa humildade do poeta dissolve-se, por exemplo, diante de sua capacidade em trabalhar sobre os resíduos da memória (“A gaveta”) brincar com frágeis expectativas (“Poema para 2003” e “Feliz ano novo”) ou dialogar com companheiros de geração em “O espelho de Donizete” (visceral homenagem ao poeta mineiro morto em 2014), “Lendo Luís Antonio Cajazeiras Ramos” ou, ainda em diálogo com a tradição, apresentar novos ângulos sobre a poética sedimentada de Vinicius de Moraes:

1)
Se você quer
ser minha namorada
encontrou
a pessoa errada.

2)
Ê, tem jogada no ar,
ê, já vem vindo o arrastão
ê, todo mundo zarpar,
ê com a faca na mão.

3)
Em Ipanema
a coisa mais linda
que eu já vi passar
foi um poema.

Antes de fechar o percurso, o leitor encontra “Dez sonetos desconcertados”. Aqui encontramos um ponto nevrálgico. Dentre os equívocos que permeiam a relação da poesia do passado com a de hoje, um deles é justamente não se entender que o diálogo com o que se convencionou chamar de tradição passa pelo arejamento do que esta dispõe em termos de artefatos estruturais e recursos rítmicos. Trocando em miúdos, ninguém está impedido de fazer um soneto, desde que o ajuste para dialogar com seu tempo. É o caso de Secchin, que atende a tudo que essa for-

ma poética exige em termos de ritmo, contenção e imagem, sustentados, entre versos decassílabos (maioria) e dodecassílabos, e pela “qualidade” das rimas (palavras escolhidas entre classes gramaticais distintas). Estas, no entanto, são dispostas com maleabilidade, sem o engessamento esperado neste tipo de suporte quando preso às amarras da convenção. O que muda é justamente a apreciação do resultado. O tom é de desconcerto na “forma” e no “conteúdo”, se me permitem lançar mão destes conceitos, que não devem ser vistos de modo estanque, pois se imbricam, interagem, misturam-se.

Assim, o desconcerto tenta desanuviar ressentimentos entre mãe e filho (“Soneto ao molho inglês”), brinca com a falta e as lacunas da memória (“Soneto desmemoriado”), expõe, via humor corrosivo, as falas/fofocas que atravessam o interior dos edifícios (“Soneto da boa vizinhança” e “Soneto da boa vizinhança II”), mescla o peso da religião ao desafio da escrita (“Soneto Pio”), faz alusão ao escrever poético (“Soneto profundo”, “Soneto quase aposentado”, “Soneto profético”, “Soneto da dissipação” e “Soneto veloz”).

Este modelo poético também figura no livro anterior (2002). Nele, a simples oposição preposicional abre novas possibilidades de leitura, visto que são “Sonetos da circunstância” (grifo nosso). Ou seja, trata-se da criação que se desdobra para o externo, e não o contrário, quando se espera o bate-pronto dos acontecimentos para transformá-lo em versos (lembrando o alerta de Drummond no antológico “Procura da poesia”).

Ao final, o leitor é novamente convidado para saber se o percurso valeu a pena: “Na antessala’ era entrada;/ sirvo agora a sobremesa,/ que você, já enfatiado,/ mal percebe em minha mesa.// Se não gostou, nem reclame,/ foi previamente alertado./ Num poema insinuei: me leia desconfiado.// Sei apenas que escrever/ nunca me apontou saí-

da./ Mas ainda assim é nisso/ que apostei a minha vida.”

Só nos resta louvar o resultado dessa aposta. A contribuição de Antonio Carlos Secchin como poeta é rarefeita, mas incisiva. Ele só vem a negócio. Como crítico, são três as referências: é um dos estudiosos mais eficientes sobre a ossatura poética de João Cabral de Melo Neto (aqui lembrado em quatro aforismos e em “A João Cabral”); faz análise crítica mediante um texto apoiado no humor, recurso pouco usual quando se pensa em academia, seja a literária, seja a científica. Por fim, é um descobridor de temas que estavam aí, mas ninguém captou a mensagem. Inesquecível, nesse caso, esta sacada: a ausência do mar na poesia brasileira, incluso o discurso exaltador dos românticos em relação à natureza brasileira.

A prioridade deste breve apanhado priorizou o livro mais recente. Ele é apenas o continuar do criador de uma afinada Ária de estação (1973), que sabe tratar de instâncias em que se dá o embate com a linguagem diante de *Elementos* (1983) como ar, terra, fogo, água. *Diga-se, de passagem* (1988), também trata com fineza o que cintila entre “dispersos” para enfrentar *Todos os ventos* (2002).

Aqui se fez uma rápida catação do que este “iluminador de sombras”, este “operário do precário” produziu até agora. Nesse sentido, é mais que um aforismo ele dizer que “a poesia é diáfana, o poema é carnal.” Trata-se de uma iluminação compartilhada por uma vida inteira. O leitor e a literatura agradecem. ▶

Jeová Santana é professor da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) e autor de *Dentro da casca* (1993), *A ossatura* (2002), *Inventário de ranhuras* (2006), *Poemas passageiros* (2011) e *Solo de rangidos* (2016). Mora em Maceió (AL).

A poesia RESPONSÁVEL de Jamesson Buarque

Salomão Sousa
Especial para o *Correio das Artes*

Logo depois de comparecer ao lançamento de *Meditações* (Martelo, 2015), em Goiânia, registrei nas redes sociais que o livro traz vitalidade, vivacidade à poesia brasileira, e que a poesia, nas mãos de Jamesson Buarque, deixa de ser algo banal, ocupação de tempo, para ser exercício responsável, pleno de energia. De uma metafísica que só Fernando Pessoa, Rilke e Jamesson Buarque conseguem praticar.

À semelhança do que faço com Fernando Pessoa, Hölderlin, Jorge de Lima, passei a ler partes do livro no transporte público; de pé nas paradas de ônibus; nos intervalos de repouso no trabalho; circulando pela casa, movendo-me na rede, no repouso do vaso sanitário. Aí notei que o livro estava incorporado entre as obras dos grandes autores de minha constante leitura. Daqueles que podemos nos socorrer sempre que desejamos nos emocionar ou ressuscitar o formato de construção do poema. Daqueles que não só resistem à persistência

Aí notei que o livro estava incorporado entre as obras dos grandes autores de minha constante leitura. Daqueles que podemos nos socorrer sempre que desejamos (...)

crítica, mas que têm forte presença sedutora à qual não resistimos e voltamos sempre a ela com o mesmo entusiasmo, pois temos prazer em ser esmigalhados entre as unhas do sedutor, já diz a psicanálise – se bem me lembro das declarações de Maria Rita Kehl numa conferência que assisti na UnB. E a poesia de Jamesson Buarque nos torce entre as unhas de cada verso.

Quase não se questiona quais as condições ideais em que se deve ler poesia, se em clausura, em sonolência, dopado ou excitado. Num mundo de predomínio da estatística, se fosse possível, a emoção seria tabulada. As condições de leitura são tão

diversas quanto diversas são as estruturas da psique de cada um (a psique de quem levou chuva nos barrancos do rio Calvo não é a mesma daquele que meditou às margens do rio Tejo).

Na estruturação, *Meditações* parte da leveza lírica do movimento introdutório para ganhar profundidade clássica crescente nas divisões que complementam o livro. E é bom que Jamesson Buarque tenha preferido organizar a obra assim, como ele mesmo explica em longa nota introdutória (sem uso da primeira pessoa, apesar de assiná-la). O auge ocorre no poema “Eros contra Afrodite”, onde o autor se aproxima da experiência mítica da história, encaixa-se no real, libera energias pessoais, resultando num texto complexo, sem se tornar inodoro em instante algum. Como na poesia medieval – repetições, antíteses, fonética premeditada, rimas internas, inversões repetitivas de versos.

A sessão “Meditação dos dias” – que falsamente se apresenta como um corpo unitário – compõe-se de poemas isolados, cada um podendo ser compreendido em seu *corpus* próprio. Todas as seções desse poema, que me emociona sobremaneira, certamente pela aproximação dos eventos políticos contemporâneos ao momento de minha leitura, apesar de os poemas terem sido compostos durante uma realidade social não tão diversa, pois a crise do país ganha fôlego quanto mais se mantém longeva. Sobreleva, ainda, o andamento onírico-etílico dos versos. Vejamos este que surge no segundo texto do poema: *Eu drama num gole enorme de nada*. Talvez nesse poema resida um dos versos mais fortes de Jamesson Buarque (*um morcego morto num ventre de urubu*), em sobrevoo à altura de Augusto dos Anjos (*Um urubu pousou na minha sorte*). E quantos ▶



*Jamesson Buarque,
autor de *Meditações*
(Martelo, 2015)*

▶ urubus pousam em nossa sorte e quantos morcegos agarrados ao ventre de tantos outros urubus!

Pela exposição do andamento do cotidiano, é de deduzir que toda a série de poemas da parte intitulada “Meditações do dia” traz elementos autobiográficos fragmentados nos versos, desde a experiência de leitura do autor à clausura no ambiente doméstico. Outros questionamentos ficam em suspenso: o que pesa mais no poema para ebulir a emoção? A construção formal? O confronto da realidade exposta pelo poeta com a realidade que se impõe ao leitor? A poesia só se confirma se *te agranda las tetas/te achica las tetas/te hace la puñeta/te levanta el culo/te deja sin culo* como confirmam os versos de Alberti em homenagem a Picasso. E a poesia de Jamesson Buarque aumenta o púbis e as tetas do leitor.

Compreendo que, em Jamesson Buarque, há uma tensa ebulição da tradição poética, da evocação de eventos cotidianos, uma naturalidade na composição dos versos e exatidão em formatá-los, pondo em relevo o óbvio dos registros da realidade, que encrava no leitor o prazer de participar do canto cosmogônico do Universo, do caos político, da hilaridade de rir-se da própria dúvida existencial, sempre amarrado ao corolário da perfeição. A perfeição só existe se há quem dela participe e a compreenda. Muitos poetas brasileiros não são perfeitos para muitos em razão de a maioria não estar preparada para compreendê-los. Quando o país ler

melhor seus poetas os resultados da política serão menos frustrantes, menos morcegos mortos no ventre de urubus. Ou vice-versa, a ocorrência de uma vertente de poetas que produz para a poesia ser encaixada numa proposta crítica, com enorme perda da espontânea fruição.

Só as referências míticas não justificam o neobarroquismo do livro *Meditações*, pois falta nele elementos surrealistas que permeiam a poesia de invenção, e, ainda, algum traço de obscurantismo ou de esvaziamento lírico da composição. Também não é suficiente enquadrar a poesia de Jamesson Buarque na poesia hermética ou na obscurantista ou nalguma vertente das vanguardas, pois das vanguardas, acredito, ela se liberou com fortes pés de elefantes, pisoteando-as com a estrofação organizada, e, nela, o discurso emerge para evidenciar o desconforto do fluxo da realidade. Com precisão, Jamesson reconstrói os mitos com as grades da realidade vivenciada. Basta saber que é uma poesia que se confronta com a experiência do trágico, do clássico e o mitológico.

Às vezes me indago porque não deixamos o poeta existir sem tanta classificação. Talvez a futura crítica vá chegar a possibilidades totalmente multifacetárias de enquadramento da poesia que ora se produz nas diversas localidades brasileiras. Não vejo possibilidade de classificação de poetas tão díspares como os contemporâneos Jamesson Buarque,

Luci Collin, José Inácio Vieira de Melo e Antonio Moura dentro de uma mesma corrente. Cada um atua com os elementos da própria formação, cultura local, leituras diferenciadas, com produções definidas em encruzilhadas individualizadas.

Foi por casualidade o meu primeiro contato com a poesia de Jamesson Buarque. Ao coletar material para uma antologia da poesia de Goiás, visitei os sebos de Goiânia e comprei o seu livro *Novíssimo testamento*, de 2004. Busquei informações sobre sua atividade no universo virtual, deparando-me com um fomentador da poesia na Universidade Federal de Goiás, em promoções de oficinas literárias e nas redes sociais (mas nas redes sociais ele tem sido mais comedido nos últimos tempos). Quase me frustrei ao constatar que ele nasceu em Recife (PE). No entanto, ele já é merecedor de cidadania goiana por contribuir com a poesia da localidade desde 2009. Orbita em torno dele uma juventude em ▶

▶ êxtase com a poesia. Merece saudação essa atividade, que inflama a juventude com um método de compreender a poesia, com novas propostas de liberação psíquica para produzi-la. Destaca-se ainda que essa atividade tenha contribuído para que ele também melhor organizasse o próprio método de composição, alcançando patamares raros de liberação lírico-onírica.

Os filmes de Andrei Tarkovski nos afirmam que a poesia é um elo que entrelaça o homem no percurso do tempo dos vários territórios. O nosso território só será o mesmo amanhã através da poesia, mostrando que só perdura a angústia prazerosa da fruição de existir. Crescem outras canas, erguem-se outras casas, esfrelam-se outras sementes para outra serenidade à paisagem, a corrupção mal gasta outras moedas, mas o sentimento que vai perdurar é aquele registrado pela poesia. Quando há o cansaço de participar e agir, a poesia ainda contribui para preencher esse caos de desânimo e inoperância (ou ignorância). Quando a comunicação se apresenta deteriorada, a poesia se ergue de dentro da deterioração, organizada no quebradiço das palavras e dos gestos. A poesia nos reúne e nos emociona, seja em que corrente venha a ser escrita.

Para vermos esse entrelaçamento aterritorial e atemporal entre os homens, através da poesia, desejamos mostrar um verso de Jamesson Buarque em confronto com outro de Herberto Helder, do livro *Os selos*, de 1989, publicado no Brasil em 2000 pela editora Iluminuras:

*Pode ser o inventário do sono
pode no casulo desdobrado quando
a seda*

Acredito que Jamesson Buarque – astuto pesquisador da poesia universal para usufruto pessoal e orientação daqueles

FOTO: DIVULGAÇÃO



Jamesson Buarque “escreve com a sensação do tempo presente mitologizando-o com as inscrições do passado”

que orbitam em volta de seu talento – pode ter conhecido o poema de Herberto Helder antes da composição do livro *Meditações*, de 2015. Portanto, há mais de duas décadas da publicação do livro do poeta português, que só agora em 2017 circula no Brasil em edição completa, Jamesson também compôs versos longos, dentro do parâmetro da poesia exigida pelo seu tempo, de delírio e desconstrução frasal, de entonação nova, em confronto com a desordem do real, num novo estatuto frasal, numa entonação que exige novas pausas, num fumo que nos desloca do cansaço das mesmas esfoliações da seda se do Homem se do macaco se do rinoceronte:

*Mas rinocerontes não deliram
macacos tomando leite morno*

Jamesson Buarque escreve com a sensação do tempo presente mitologizando-o com as inscrições do passado; organiza o onírico, materializando-o na expressão e na correta manifestação da poesia do pós-fuzilamento e das pós-vanguardas. *Meditações*, com sua dose de arsênio e ópio próprio, é uma oficina literária para aquele que desejar conhecer a forma correta da manifestação poética em tempos de extrema deterioração da linguagem e debilitação da ética e do Humanismo. É uma poesia que retoma em nós a coragem de emocionar, já que é a rigidez estúpida que move a contemporânea exaustão de existir. ✦

Salomão Sousa é poeta, nasceu no município goiano de Silvânia e mora em Brasília desde 1971. É jornalista e trabalha como funcionário público no Ministério da Fazenda. Atualmente, pertence à diretoria da Associação Nacional de Escritores. É autor, entre outros livros, de *A moenda dos dias/O susto de viver* (1980) e *Ruínas ao sol* (2006). Editou o zine *Chuço* por 19 números. Mantém o blog: www.safragebrada.blogspot.com. Entre outros prêmios, recebeu em 2011, da UBE de Goiás, o Troféu Tiokô. Além de poesia, escreve resenhas e artigos.

João Cezar, Merquior

E O PENSAMENTO BRASILEIRO

Clemente Rosas

Especial para o *Correio das Artes*

Sou positivamente liberal em economia, socialdemocrata em política e anarquista em cultura.

José Guilherme Merquior

Nunca tinha ouvido falar do professor João Cezar de Castro Rocha, doutor em literatura. Mas o tema de sua palestra – “O pensamento de José Guilherme Merquior como resposta à crise da cultura” – me levou à Fundação Joaquim Nabuco, no ano passado. E tive a oportunidade de conhecer um dos melhores conferencistas que já encontrei em minha vida. Sua exposição revelou



José Guilherme Alves Merquior (1941-1991) foi crítico literário, ensaísta, diplomata, sociólogo e professor universitário. Politicamente se definia como um “liberal social”

riqueza vocabular, precisão conceitual, calor humano, jovialidade, e uma fluência verbal que só havia visto, até então, no mestre Santiago Dantas. Tudo isso – e afortunadamente para mim – sem qualquer “muleta” audiovisual, a não ser a projeção de um único quadro, do pintor Giorgione – *La Tempesta* – a que se referiu, na conclusão

FOTOS: REPRODUÇÃO INTERNET



João Cezar de Castro Rocha é professor de Literatura Comparada da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

da sua fala.

Sou da mesma geração de Merquior, e tinha notícia dele desde o tempo em que, aos 21 anos, morei no Rio, como dirigente da União Nacional dos Estudantes, quando ele já despontava como crítico literário nas páginas do Suplemento Dominical do Jornal do Brasil (SDJB). Mas éramos, eu e os companheiros da UNE, esquerdistas de diversos matizes, e tínhamos prevenção contra o jovem liberal que não se engajava, como faziam quase todos os intelectuais, em um “tempo de partido”, de “homens partidos”, como definiu Drummond. Só muito depois, passado o olho do furacão de 1964, assisti a uma conferência dele na FUNDAJ, e li seus livros *As Ideias e as Formas*, *A Natureza do Processo* e *O Marxismo Ocidental*. E fiquei sabendo de sua amizade e respeito para com Leandro Konder, grande pensador de formação marxista, que assinava, também quando jovem no Rio, uma coluna satírica no *Novos Rumos*, jornal do PCB, sob o pseudônimo de Pedro Severino. Ao ponto de qualificar o livro do amigo sobre Lukács como “belo, profundo e luminoso”.

E o que emergiu, com clareza solar, da palestra do professor João Cezar? A figura marcante de um dos maiores pensadores brasileiros (ao lado de Sérgio Paulo ▶

► Rouanet e Ferreira Gullar), que eu já vinha aos poucos descobrindo: extremamente precoce (primeiro livro aos 21 anos), de uma erudição gigantesca (*Ce jeune homme a tout lu*, segundo Raymond Aron), escrevendo livros também em inglês e francês, sempre em linguagem clara, com saudável espírito polêmico e razão despida de vieses e preconceitos. Devo a ele o lampejo que me fez tomar consciência do artificialismo e das limitações da concepção da dialética marxista, como explicação para as transformações da natureza e da sociedade. (Para ele, “uma senhora de pouca virtude”). E também a compreensão do caráter não-científico da psicanálise, outro monstro sagrado da nossa civilização. Ambas mitologias modernas, como as rotulei em artigo publicado na revista eletrônica *Será?*.

Foi também Merquior que, com a “artilharia leve” dos seus artigos no SDJB (expressão dele próprio), desconstruiu brilhantemente o formalismo de certos críticos pós-modernos, que insistem em abordar o texto literário com abstração do contexto histórico em que foi escrito, e em que viveu o seu autor. Trata-se de reducionismo mutilador da realidade, que compromete a valorização da obra estudada, e esconde, muitas vezes, as limitações intelectuais de quem o adota, em matéria de conhecimento histórico, filosófico ou sociológico. Temos aí o caso dos “hermeneutas apedeutas”, na classificação irônica do nosso comentado.

De suas polêmicas, merecem referência as que manteve com duas figuras notórias dos nossos meios jornalísticos e políticos. Com Paulo Francis, que começou exaltado esquerdista e acabou direitista empedernido, ao ponto de classificar os nordestinos como “jecas de uma região desgraçada” – e ser banido, por conta disso, de todos os jornais do Nordeste – e com Marilena Chauí, a “filósofa petista”, que põe o seu pensamento a serviço do partido, e “odeia a classe média”. No primeiro caso, Francis, sem argumentos, limitou-se à difamação e à agressão pessoal, bem ao seu estilo cafajeste. No segundo,

a descoberta e revelação do plágio ao pensador francês Claude Lefort fez a brasileira tirar logo o time de campo, recolhendo-se ao seu público cativo de sectários.

Merquior esteve sempre distante das tendências que infirmam o pensamento contemporâneo: a busca do aplauso fácil, pela simplificação; o recurso às citações, desobrigando o juízo próprio; e a compulsão de originalidade, pelo caminho tortuoso da expressão obscura. O que se observa é que intelectuais, não apenas brasileiros, no afã da novidade, concebem categorias nebulosas de pensamento, recorrendo, às vezes, levemente, a conceitos de outras disciplinas, como a matemática, para empulhar leitores de espírito tímido. Essa atitude foi magistralmente desmistificada pelos cientistas americanos Alan Sokal e Jean Bricmont, em seu livro *Fashionable Nonsense – Postmodern Intellectuals Abuse of Science* (edição brasileira: “Imposturas Intelectuais”), onde figuras como Lacan, Gilles Deleuze, Jean Baudrillard, Luce Irigaray e outras são reduzidas às suas verdadeiras dimensões intelectuais. Não devemos esquecer a observação de Ortega y Gasset, de que a clareza é a cortesia do pensador.

Por falta de argumentos mais consistentes, os adversários de Merquior criticam a sua suposta carência de pensamento próprio. E o professor João Cezar abordou bem o tema, que aqui desenvolvo. Em primeiro lugar – num enfoque bem pessoal deste escrevinhador – o avanço da ciência no século XX reduziu o espaço para os sistemas filosóficos abrangentes, como já vinha ocorrendo, desde o Renascimento e o Iluminismo, com a religião. Em segundo lugar, terá havido mesmo originalidade de pensamento entre filósofos medievais e modernos, consecutórios dos gregos antigos? Pelo menos quanto aos ocidentais, há espaço para a dúvida. Tive um amigo, profundo conhecedor da Antiguidade Greco-Romana, que me desafiou a apontar qualquer concepção filosófica moderna, para que ele, prontamente, indicasse a sua matriz grega. Tentei duas vezes

e perdi. Não há mais novidade, hoje, em filosofia. Há apenas – ou deve haver – isenção de “parti pris”, acuidade de percepção, universalidade de conceitos, coragem de encarar a realidade e as lições da História, sempre com foco na essência das coisas.

Seria desejável, como observou o conferencista, que Merquior não tivesse morrido tão jovem (49 anos), para poder analisar, com sua lucidez e independência de espírito, as profundas modificações na sociedade, em escala mundial, a que estamos assistindo, sobretudo a partir da última década do século passado. Pois o jovem pensador brasileiro não teve inibições em criticar os europeus, convertendo-se, ainda na expressão do professor João Cezar, no antípoda do Otto Maria Carpeaux, europeu que se dedicou a interpretar o pensamento brasileiro. Faria bem melhor que um Francis Fukuyama, de imerecida notoriedade.

Volto à estrutura da conferência para reportar como, enfim, o professor João Cezar fez alusão ao quadro *La Tempesta*, em seu arremate. O pintor foca o momento inicial da tempestade, com dois raios, no centro da pintura, riscando um céu sombrio e convulso. Abaixo, um córrego ainda calmo. Numa das margens, jovem mãe amamenta o filho. Na outra, um pajem a observa furtivamente. A mulher olha docemente, sem timidez nem exibicionismo, para o espectador do quadro.

Como relacioná-lo ao tema da palestra? Certamente, a paisagem induz à reflexão de que a realidade é complexa, e está sempre aberta a “leituras” diversificadas, provisórias e perfectíveis. Assim como a ciência, a razão crítica, e os seus cultores. ✦

Clemente Rosas Ribeiro nasceu em João Pessoa, em 27 de setembro de 1940. É formado em Direito pela Universidade Federal da Paraíba e pós-graduado em Desenvolvimento Econômico. Integrou o grupo de poetas conhecido como “Geração 59”. Publicou *Praia do Flamengo, 132* (memórias), *Coco de roda* (ensaios), *Administração & Planejamento* (artigos) e *Lira dos anos dourados* (textos líricos da sua juventude). Mora em Cabedelo (PB).



ILUSTRAÇÃO: TONIO

A peça que salvou

Cláudio Limeira

Especial para o *Correio das Artes*

Fazia muito tempo que não se via um inverno tão rigoroso por aqueles mundos não muito chegados a chuva. Há quase três meses que chovia com pequenos intervalos de sol, o que é ideal para lavoura e criação de pastagem. Embora preocupada com a barriga que crescia aos pulos, dona Maria Rita ficava feliz vendo a alegria do marido, seu José Salvador, no comando do sítio, com suas plantações, o gado engordando, perspectiva de grande fartura naquele ano. Só iam a Serra Bonita nos fins de semana, onde tinham uma casa. As compras eram feitas na feira da segunda, e logo voltavam para os ermos do Saco do Milho, a poucas léguas da cida-

de, onde agora até os sapos estavam alegres em constantes noitadas de serenata, de não deixar ninguém dormir. Ela se incomodava, mas o marido dizia que achava aquilo bonito. Sabia, no entanto, que o bom humor dele vinha da chuva, anunciadora de muita fartura. E ficava a imaginar se, em uma madrugada qualquer de temporal, esse menino botasse pra nascer. Que vexame não seria, eles ali sozinhos naquele deserto? Mas Deus haveria de dar um jeito, já não tivera duas meninas, hoje sadias, morando lá mesmo? Mas os tempos eram outros, pensava. Até que um dia teve um sonho que a deixou bastante impressionada: ▶

► “Chovia torrencialmente quando ela acordara com fortes dores, gemendo, gritando, e ninguém aparecia. As janelas batendo, a água entrando na sala empurrada pelo vento. Gritava, gritava, e ninguém aparecia. Os raios cortando o céu escuro e os trovões eram ensurdecedores. Descobria que não havia vivalma em casa. As dores aumentando... Resolvia sair assim mesmo em busca de socorro, enfrentando a tempestade. Caía, já esgotada de cansaço, numa poça d'água. Tentava em vão se levantar sem ter forças, toda atolada, quase coberta pela lama. O raio continuava cortando no céu e ela fazia uma força extrema. De novo procurava gritar, com todos os pulmões, mas a voz nem lhe chegava à garganta. A língua muda, era um trapo. Ouvia um tropel ao longe se aproximando numa velocidade sobrenatural. O cavalo freava bem em cima dela, pois o negrume da noite não dava qualquer visibilidade a não ser com os raios. Certamente o bicho riscara pelo instinto. Um homem alto, de barbas longas, apeou-se do animal com um menino nos braços. Queria passar para ela, mas não conseguia alcançá-la e, quando o bebê ia cair na lama, ela soltou um grito.”

O marido acordou com ela toda molhada de suor e, quando se acalmou mais, contou-lhe o pesadelo. E ele a dizer-lhe que isso não queria dizer nada, até parecia que nunca tivera menino, isso era assim mesmo, andava muito nervosa com o inverno, e ela *chega, não fico mais aqui neste cu de judas, ele, calma filha, há de se dar um jeito...* Assim amanheceram o dia.

Como já era fim de semana, subiram pra Serra Bonita. Lá encontrou com sua amiga do peito e das rezas, Maria do Carmo. A primeira coisa que fez, como era de se imaginar, foi contar-lhe o sonho, nos mínimos detalhes. Daí vieram logo as mais variadas interpretações. Acabaram concordando com uma promessa para Nossa Senhora das Mercês, a padroeira, de quem era devota, para que tudo corresse bem durante o parto. Venderia um garrote por ocasião da festa, e, a cada dia de novena, faria uma doação para mulheres necessitadas, ajudando sem ver a quem. No so-

nho, elas interpretaram que o homem que aparecia no cavalo com um menino, era Santo Antônio, de quem também era devota, e a ajudara no seu casamento. O outro juramento era que o filho, se fosse homem, levaria o mesmo nome do santo. Assim ficou decidido: a outra parte do garrote, portanto, ia para ele.

Mas tudo voltou ao normal, o nervoso passara, o marido seu José continuava a irritá-la pelo seu desligamento diante da situação. Só pensava na lavou-ra, no sítio, no gado. *Ora, vá pra merda!* E assim a lavoura crescia, o gado engordava, a barriga inchava e o menino parecia querer sair pela boca. Ela estava cheia daquilo tudo.

Os sobrinhos de seu José, que também o ajudavam na lida, haviam ficado com a Rural, único veículo da fazenda, para uns *reparos*, na verdade farras também, quando chegou de tarde um aviso para eles virem urgente, que a mulher estava ficando no *ponto*. Já ficaram chateados com o *coroa*, logo hoje, dia do baile, com as namoradas esperando por eles? Seu Zé tratava-os como filhos. Eram umas feras na luta diária da fazenda de onde todos tiravam o sustento. O problema era a festa, as namoradas esperando por eles. Mas havia de dar tempo, era começo de tarde. Avisadas as meninas, partiram em socorro da parturiente. Embarcaram a tia com todo cuidado. O tempo parecia recolhido desde cedo da manhã. Tudo ia dar certo, pelo menos é o que pensavam os desmiolados sobrinhos, ligados na ideia de chegar a tempo de pegar o baile. Partiram ansiosos. A estrada era aquilo de sempre. Buracos que não acabam mais, galhos de árvores avançando dos dois lados, barro escorregadio, um perigo. Aí foi quando a tia começou a gemer, *ai... ai... aiaiai. Pé na tábuá*, ordenava o marido aperreado. O sacolejo da rural atiçava as dores de dona Maria Rita: *ai... ai... Pé na tábuá*, repetia nervoso seu José. Parecia correr tudo bem até quando pararam a Rural na beira do rio que aparentava estar tomando água. Veio o dilema: entra não entra. Um deles, de calças arregaçadas, foi verificar

o nível da água, que ainda estava um pouco abaixo dos joelhos. *Vamos entrar*, concordaram enco-rajados, e meteram o focinho da bicha no rio, talvez pensando nas namoradas e na festa. O carro apagou o fogo sem nem alcançar a metade da outra margem. Para piorar a situação começou a chover forte, mas o perigo maior era que, se de repente, como costumava acontecer, viesse uma cabeçada d'água, uma enchente, vinda das cabeceiras, levando tudo. Tinham primeiro que tirar dona Maria Rita e levá-la a um lugar seguro. Tiago, o mais novo e mais taludo, pegou-a nos braços, os outros atrás querendo ajudar. Deixaram a mulher debaixo de uma árvore frondosa, protegida por uma capa plástica. A intervalos cada vez menores o teto do céu se rachava e pelas fendas abertas as faíscas saíam enlouquecidas em ziguezague. Logo depois vinha o ribombar furioso do trovão que ia ecoando pelas serras distantes. Isso só fazia aumentar ainda mais o nervosismo de todos. Sem nada em vista a fazer, resolveram também ficar no abrigo. A situação parecia sem controle quando a chuva começou a dar uma pequena trégua e eles aproveitaram para tentar acionar o motor. A água já estava chegando aos joelhos e a correnteza começava a puxar um pouco, mas se por infelicidade viesse a tal cabeçada d'água, levava tudo. Limparam o distribuidor, as velas, com um pano seco, e... nada de pegar. Fizeram um fogo para aquecer as peças, botaram de volta, tocaram na chave e... o motor nem dava solo. E a pobre da mulher debaixo da árvore: *ai... ai... valha-me Deus!* E o marido tentando consolar, *calma filha*, e ela, *calma porra nenhuma, tô é morrendo...* E seu José e os sobrinhos mergulhados na mais total impotência. Os rapazes já estavam se conformando com a ideia de perder o baile. Naqueles ermos não passava ninguém. A estrada de barro era para carroças, cavalos, jumentos. Dificilmente por ali passava veículo motorizado de qualquer espécie. Só a Rural de seu Zé andava por ali. Mas... e, felizmente, sempre há de ter um *mas*, não é que, de- ►



► pois de longo tempo, passa um jipe de um conhecido que vinha de uma fazenda vizinha? Ao se inteirar do fato, depois de tudo explicado, foi logo dizendo:

- Isso aí é platinado. - E completou: - Só ando com uma coleção deles, para quase todo tipo de carro que anda por essas bandas. Vamos ver se tem o da Rural. - Por muita sorte tinha. Botou a peça e mandou tocar na chave. O carro soltou um ronco forte de bicho brabo que logo se misturou a gritaria alegre de todos. O carro puxado pelo jipe, e empurrado pelos rapazes alcançou, sem maiores transtornos, a outra margem do rio.

Agora o carro ia à toda, literalmente aos trancos e barrancos pela estrada esburacada, e a mulher a gemer com as dores, o menino nasce não nasce, *ai... ai...* Finalmente entraram na cidade apitando e em alta velocidade. Ao dar entrada na maternidade dona Maria Rita já começava a parir. Os rapazes, também aliviados, seguiram para festa, ao encontro das namoradas.

O baile bem animado, os sobrinhos de seu Zé metidos na dança com as meninas, numa felicidade só, também depois do aperreio por que passaram! De vez em quando voltavam à mesa para mais uma. Lá para às tantas chega o tio, muito contente, anunciando que todos, mulher e filho estavam bem. O menino

saía forte, rosado, com quase quatro quilos. *Um touro*, no dizer do pai coruja.

- Vamos comemorar!

E haja cerveja. Um dos sobrinhos, que estava mais próximo do tio, decorrido algum tempo, notou um comportamento estranho no *coroa*. Quando tomava goles mais demorados, enfiava os dedos no copo e levava um troço à boca, dando-lhe uma lambida como quem chupa picolé, e em seguida repunha a esquisita iguaria de volta ao copo. Intrigado com aquilo, depois de observar o inusitado gesto por várias vezes, resolveu indagar do tio que diabo de tira-gosto era aquele. - Que tira-gosto porra nenhuma! Isso aqui - e tirando do copo exibiu o mistério - é aquele platinado milagroso que salvou Maria Rita e a criança. Vou mandar fazer uma medalha transparente, com ele dentro, para pendurar no pescoço. E hoje tudo aqui corre por minha conta.

A animada festa foi até o sol raiar. Nem é preciso dizer que era quase impossível contar o número de bêbados. E quem ali teria condições para tanto?

Com pouco mais de uma semana o batismo da criança era providenciado, e uma grande festa coroava o tão feliz evento. Durante muito tempo esta festa ficou falada em Serra Bonita.

Com pouco mais de uma semana o batismo da criança era

providenciado, e uma grande festa coroava o tão feliz evento. Durante muito tempo esta festa ficou falada em Serra Bonita.

Juntos, seu José Salvador Ribeiro e dona Maria Rita da Silva, depois de longas discussões, chegaram a um consenso com relação ao nome da criança que assim ficou: Antônio Platinado Salvador Ribeiro da Silva. E tudo tinha a ver, seu José era Salvador Ribeiro, a mãe era Silva, o Antônio ficava por conta da promessa que ela fizera ao santo homônimo se o filho fosse de sexo masculino, pois já tinha duas filhas pequenas. A outra promessa para a santa padroeira, Nossa Senhora das Mercês, era para que tivesse um parto normal, tranquilo. O que de certo modo se concretizou, embora, como se sabe, Deus escolhe caminhos diferentes para seus desígnios. A chuva, o impasse do rio, o sonho aperreado, e o enguiço do carro, mas que no fim tudo dera certo, com um garoto sadio, de mais de três quilos, corado, risonho. E com Toinho, como viria a ser chamado carinhosamente depois, dona Rita encerrava seu ciclo reprodutivo com chave de ouro. ✧

Cláudio Limeira é professor, poeta e contista. Editou o "Correio das Artes" de 1997 a 2002. Mora em João Pessoa (PB).

Ocupações, literatura E DEDO INQUISIDOR

Jeová Santana

Especial para o *Correio das Artes*

Não é necessário muito exercício de imaginação para se perceber o desfecho de situações como a que se abateu no Edifício Wilton Paes de Almeida, no simpático Largo do Paissandu, em São Paulo. Todo mundo sabe que moradias naquelas condições são simplesmente a crônica de uma tragédia anunciada. Desculpem-me glosar o já surrado título da fabulosa novela do Velho Gabo. Todo mundo sabe que água perto de fiações precárias, energia puxada de semáforo, ligações clandestinas etc. não podem dar samba.

Se nós, nas condições privilegiadas do recanto sacrossanto dos nossos lares, de vez em quando somos surpreendidos por panes, apagões e sobrecargas (a última nos custou o prático micro-ondas e nem tivemos “energia” para processar a CEAL – Companhia Energética de Alagoas), imagine-se naquele arremedo urbano do inferno de Dante. O que incomoda, no entanto, é o deslo-

camento do foco. De uma hora para outra, aparecem os Torquemadas de plantão, principalmente neste tribunal chamado internet, para jogar a culpa, não no sistema perverso que, contrariando os princípios fundamentais da dignidade humana, permite aquela situação, e sim na fauna pobre que “opta” em morar em tais condições para ficar mais perto dos seus trampos.

Ali estão os componentes do “Rancho da goiabada”, de João Bosco e Aldir Blanc (1976), do “Brejo da Cruz”, de Chico Buarque (1984), da “Saudosa maloca”, ▶

FOTO: WIKIPÉDIA



Em maio deste ano, um incêndio provocou o desabamento do edifício Wilton Paes de Almeida, no Largo do Paissandu, em São Paulo (SP)

A queda do Paes de Almeida remonta a um cenário de guerra na maior cidade do país



FOTO: JOSÉ EDUARDO BERNARDE/BRASIL DE FATO

▶ de Adoniran Barbosa (1951). Uma mistura de taxistas, motoboys, vendedores, garotas de programa, cabeleireiros, manicures. Gente se virando com marmiteix e geladinho para ganhar uns trocados. Se essas pessoas são exploradas por pagarem “aluguel” a movimentos sociais ou a quem está fora da lei, cabe ao dito sistema dar as condições para que isso não aconteça. Mas, se na hora da desgraça um ex-prefeito, candidato a governar-a-dor, diz que no prédio só havia bandido, fazer o quê?

Se a literatura permeia estas linhas aligeiradas, não podemos esquecer que sempre haverá quem tente lucrar com a precariedade alheia (não é o caso dos movimentos sociais, que dão suas razões para as famigeradas taxas de manutenção). Nesse caso, como não lembrar de João Romão, o usurento personagem de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo (1890), e sua sanha para acumular dinheiro via aluguel de quartinhos, tendo como apoio os braços de Bertoleza, uma escrava quitandeira que dá duro para pagar a alforria? Romão se amanceba com ela, dá-lhe uma carta falsa e a explora até o baço. Ela se torna um empecilho para seu casamento com Zulmira, filha do outrora rival Miranda, proprietário do sobrado em frente. Bertoleza opta pelo suicídio quando João Romão tenta devolvê-la ao antigo dono.

Para observar os atritos da relação entre capital e sentimentos, recomendo os ainda imbatíveis *Os pobres na literatura brasileira*, organizado por Roberto Schwarz (1983), e o ensaio “O fator econômico no romance brasileiro”, de

Graciliano Ramos (1976).

É incrível a falta de sensibilidade para uma questão tão grave. Aqui, diante de minhas retinas ainda não fatigadas, vejo o prédio em cujo térreo funciona um dos bancos mais lucrativos do país. Os andares de cima,

abandonados anos a fio, foram pintados com as cores da “instituição”, mas continuam vazios. E fim de conversa!

Muitos dos que passam a morar em prédios, nas condições do que pegou fogo na cidade mais rica do país, estiveram na condição de morador de rua. E para esta imagem, que se naturalizou na paisagem urbana do país, ofereço a “Litania dos Pobres”, de Cruz e Sousa (1900), com seus dísticos poderosos: “Os miseráveis, os rotos/ são as flores dos esgotos”. Também cabe, neste pálido protesto, esta música de José Miguel Wisnik (2000), pois, certos delicados, contrariando o pessimismo do querido Drummond, ainda preferem viver e lutar: ❖

Inverno (Anhangabaú da Felicidade)

José Miguel Wisnik

a minha casa é uma caixa
de papelão ao relento
brasa dormindo contra o vento
semente plantada no cimento
criança na calçada

a minha casa é geladeira-televisão
sem nada dentro
fogo que se alimenta do seu próprio alimento
corpo com corpo dando alento
pra campanha do agasalho

o meu cenário é a fria luz da madrugada
dando espetáculo por nada
calçada da infâmia iluminada
pela Eletropaulo

a minha casa é a maloca rasgada no futuro
é o inverno é o eterno enquanto duro
osso duro osso duro que ninguém
há de roer

a minha casa é o céu e o chão caroço bruto
catado no vão do viaduto
dando pro Anhangabaú
da felicidade

ah anhangá anhangabaú
ah anhangá anhangabaú
ah anhangá anhangabaú
da felicidade

[*tupã deus do brasil
que o céu enche de luz
de estrelas de luar e de esperança
ah tupã tira de mim essa saudade]

*citação: “Canto do pajé”, de Villa-Lobos e Paula Barros.

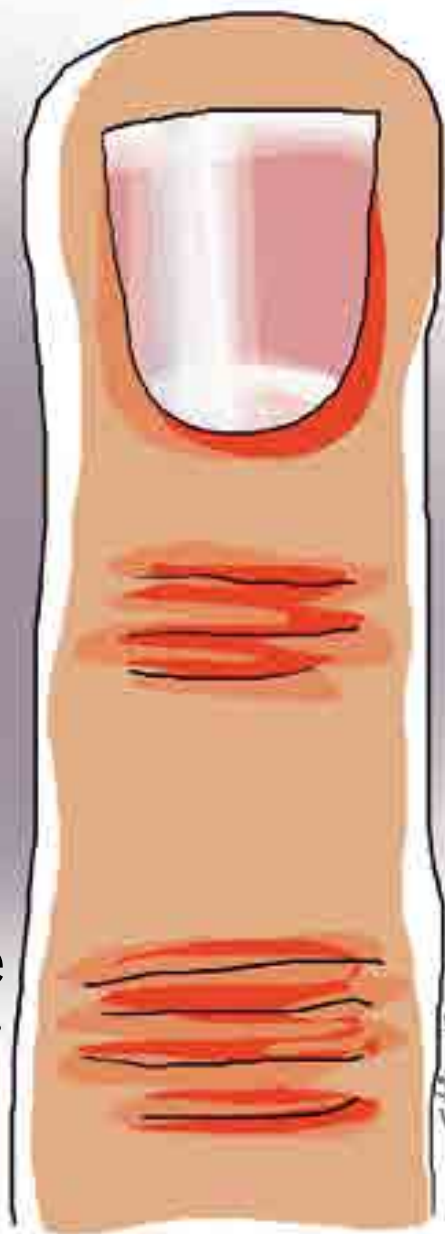
Quando menos se espera, ele já foi

Luís Estrela de Matos
Especial para o *Correio das Artes*

Ele não negociou sua suspeita. Aquilo, clareza súbita. Explosão nos olhos. Um dia, talvez toda a eternidade, e o sangue deixando sua pele com aquela certeza de juízo final. Quase juízo dos tempos. Deitou fora a bolsa, esticou-se o mais que pode, avançou sobre as esferas. Nem pés, nem pernas. Levitava, mas ele, nervo impávido. Era um nervo só. Árvores que andam à noite, desterradas em seu próprio vigor. Olhou firmemente, sentiu ímpeto maior. Exterminou tudo. Nem o si sobrara. Era desterro, amontoado de coisas e funduras de sentimentos nunca encarnados. Ela era algo? Máquina, ele se sentiu. E o sorriso deles, juntamente com o sol entrando pela janela do restaurante, criava-lhe um embaraço deveras incontornável. O que se faz numa hora quando a hora é que nos faz? Caminhou absoluto. Os instantes decidiram-lhe a trajetória. Quando percebeu, já beirava a mesa. Os sorrisos haviam escorrido pelo ralo mais próximo, cozinha quem sabe, ou cheiro

de mijo do banheiro, e o silêncio pesou mais do que os 20 sinos da Notre Dame, antes da inesquecível Revolução e suas guilhotinas maravilhosamente afiadas. Cruzaram-se palpitações dos três corpos ali plantados e um constrangimento nunca vivido fixou-se com máscara mortuária no casal não mais feliz. O rapaz sozinho olhou-a como se lhe sugasse a alma, ou coisa parecida. Ela mexeu-se assustada. O outro, nem existia. Secou-se. Apenas cenário era. Ele enfia a mão no bolso. Era o protagonista. Susto súbito no casal. O redor nem parecia estar ali, onde estava. Comedores comiam, crianças lambuzavam-se e alguns casais se prometiam mentiras com os olhares de dezenas de anos. Ele puxa duas passagens e as joga no ar. Pareciam ser para Toronto. Levantou as mãos como que desenhando um foda-se a vida, um foda-se tudo. Já estava de costas, muro sem dono, rumo a saída do restaurante. O amor, às vezes, fode-se a valer. Foi-se. ✦

Luís Estrela de Matos é poeta, contista e professor universitário. Colabora em veículos midiáticos e revistas virtuais do Brasil e do exterior. Mora em Aracaju (SE).





TEATRO ÍRACLES BROCOS PIRES
ICA

TEATRO ÍRACLES PIRES

O GRANDE PALCO CULTURAL DE CAJAZEIRAS ESTÁ DE VOLTA

GOVERNO DO ESTADO INVESTE 5 MILHÕES
EM REFORMA E AMPLIAÇÃO DO ICA



A UNIÃO
Superintendência de Imprensa e Editoria

125
Cajazeiras

Faça parte do Sesc!



Comerciário

- Comprovante de Residência
- Carteira de Trabalho
- RG e CPF
- PIS/PASEP
- Foto 3x4
- Cópia da GRF e GPS

Dependente

- CTPS do Comerciário
- RG
- CPF (obrigatório a partir de 12 anos)
- Foto 3x4
- Certidão de Nascimento (Até 21 anos)
- Certidão de Casamento (Cônjuge)

Conveniada

- Comprovante de Residência
- Declaração do Convênio
- RG e CPF
- Foto 3x4

Usuário

- Comprovante de Residência
- RG e CPF
- Foto 3x4

VOCÊ SABIA QUE O **SESC** É UM DOS MAIORES PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL **DO MUNDO?**